

A MÃO DO DESTINO

UM ESTUDO DO DESTINO

CONDE LOUIS HAMON

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO



A MÃO DO DESTINO OU UM ESTUDO DO DESTINO

Romance

Conde de Hamon, 1898

PREFÁCIO

No outono de 1896, muitos dos principais jornais referiram, como um extraordinário exemplo de influência pré-natal, o caso de uma jovem italiana que foi admitida no Hospital Bellevue, em Nova Iorque, apresentando uma peculiar excrescência animada no lado esquerdo do pescoço, a qual começara a desenvolver-se alguns anos após o seu nascimento e que apenas podia ser explicada por um susto sofrido pela mãe alguns meses antes de ela nascer.

Tenho comigo os detalhes desse caso enquanto escrevo esta introdução, mas abstenho-me de os apresentar aqui devido à semelhança que apresentam com algumas partes da narrativa que se segue, a qual foi, contudo, escrita muito antes de o referido caso ter sido levado ao conhecimento do público.

Como exemplo do efeito produzido pela mente sobre o corpo devido a impressões pré-natais, posso mencionar um caso ocorrido há alguns anos em Inglaterra, envolvendo uma senhora bem conhecida que, ao ver uma mendiga e os seus seis filhos nos seus terrenos, lhes ordenou que se retirassem, acrescentando:

— Levem essa ninhada de porcos para longe da minha vista.

A mulher, que estava verdadeiramente na miséria e quase a morrer de fome, ajoelhou-se então na estrada e exclamou, tomada pela indignação:

— Se existe um Deus no Céu, então que a criança que virá a dar à luz seja aquilo que considera que os meus filhos são.

Acredita-se que as palavras e a atitude da mulher produziram uma impressão profunda na senhora, que cerca de seis meses depois deu à luz uma menina que, em vez de nariz e boca, possuía um focinho de porco e que, enquanto viveu, foi alimentada num cocho de prata.

Como outro exemplo da influência da mente materna sobre a mente da criança ainda por nascer, mencionarei, de passagem, o caso de um rapaz em Boston, nos Estados Unidos, cujos pais não sabiam ler nem escrever, mas que possuía um talento natural tão extraordinário para o cálculo que, aos cinco anos de idade, foi exibido como criança-prodígio na Universidade de Harvard. Aí fornecia respostas corretas a somas compostas por cinco a sete colunas de números, com três ou quatro algarismos em profundidade, após apenas um instante de reflexão.

Como explicação para esta faculdade extraordinária, demonstrou-se que, alguns meses antes do seu nascimento, a mãe, que era uma exímia tricoteadeira, recebera uma encomenda para fabricar várias centenas de pares de meias por um determinado preço e que passara praticamente dias e noites inteiros concentrada nos cálculos necessários para determinar a quantidade de fio requerida para o trabalho e qual seria o lucro obtido.

A história apresentada nos capítulos seguintes foi escrita muito antes de o caso da jovem italiana ter chegado ao meu conhecimento, mas provavelmente nunca teria sido publicada se esse acontecimento não tivesse despertado atenção, pois sem tal paralelo seria, muito provavelmente, considerada apenas um produto de imaginação mórbida.

Haverá certamente quem considere esta história demasiado horrível para alguma vez ter sido publicada. A minha resposta é que os crimes cometidos diariamente por ignorância — ou, pior ainda, por negligência — relativamente a questões como a hereditariedade e as influências pré-natais são muito mais horríveis do que qualquer história que a imaginação possa inventar.

Tenho observado exemplos tão terríveis de hereditariedade e de deliberada negligência pré-natal que, se fosse possível, escreveria uma narrativa revelando a sua criminalidade de tal modo que cada sílaba e cada palavra ficassem gravadas na memória de cada leitor como linhas vivas de advertência impossíveis de esquecer.

Será um dia à porta do fanático religioso e do purista excessivamente sensível que recairá a responsabilidade por metade das deformidades mentais e físicas que enchem o mundo de sofrimento, miséria, degradação e vergonha.

São estas pessoas que silenciam os médicos enquanto erguem hospitais para tratar precisamente as doenças produzidas pela ignorância que elas próprias encorajam e procuram ocultar. Iludem-se acreditando que adoram Deus, esquecendo que o Deus do Conhecimento não conhece vergonha e que o Deus da Natureza é a mesma Natureza, quer se manifeste nos animais, quer nos homens.

São estas pessoas que aprisionam o Cristianismo em credos; que não conseguem reconhecer o bem, a menos que este surja dos portais de uma igreja — e ainda assim de uma determinada denominação, com um dogma, uma cerimônia e uma observância específicas.

Para elas, as palavras de Cristo — «Quem não é contra nós é por nós» — não têm significado algum. O livre-pensador é, aos seus olhos, um proscrito, mesmo que também ele construa hospitais, seja um homem íntegro, um bom patrão, um auxiliar e um benfeitor da humanidade.

Quanto aos que ousam levantar a voz ou empunhar a pena sobre este assunto sem seguir o caminho ortodoxo, estas pessoas respeitáveis possuem o poder de os rotular como «não respeitáveis». E nenhum leproso dos dias de Israel poderia ser mais evitado do que o chamado leproso social que tivesse o infortúnio de receber tal estigma.

É verdade que, ocasionalmente, estas pessoas convencionais encerram um bordel ou expulsam os infelizes de uma rua para outra mais obscura, mas recusam-se a atacar a raiz do mal — um mal que pode existir nas suas próprias casas, nos seus casamentos sem amor sancionados pelo Estado e pela Igreja.

Com demasiada frequência, esqueceram o simples Cristo humano e colocaram no Seu lugar uma divindade que deve ser abordada com medo e tremor.

Estas pessoas ficariam chocadas se lhes disséssemos que são supersticiosas. Afinal, não mandam prender uma mulher por ler cartas? Não desejariam lançar à fogueira quem interpreta os astros?

Mas, segundo as suas crenças, o Sol e a Lua pararam para que certos desgraçados pudessem ser mortos; o movimento de uma estrela anunciou a descoberta de Cristo; os seus filhos devem ser batizados com o polegar a

traçar o sinal da cruz na testa e não com o dedo indicador; e Deus deve ser abordado através de cerimoniais assentes em superstições.

Assim mantêm a sua influência graças precisamente ao elemento supersticioso que fingem considerar tão perverso, mas que constitui a maior parte da vida e das crenças humanas.

Esta conceção anti-humana da religião elimina, contudo, o peso da responsabilidade individual, algo que agrada à maioria das massas, pois, se praticarem o mal, podem culpar o Diabo e, se os seus filhos sofrerem devido às suas faltas, podem esquivar-se à responsabilidade atribuindo-a a Deus.

É este credo que mais prejuízo causou à humanidade. Adapta-se a uma espécie humana demasiado egoísta para mudar: uma multidão egoísta que engana o próximo durante toda a semana e reza ao domingo pedindo perdão; que primeiro destrói a sua juventude nos excessos da dissipação e depois deseja ter filhos para perpetuar o seu nome ou herdar a riqueza que não poderá levar consigo para o túmulo.

Será de admirar que, enquanto tais coisas existirem, o mundo esteja repleto de dor, miséria, desonra e degradação?

Porque as sementes que semeamos terão de ser colhidas; se não por nós, então por aqueles que um dia ocuparão o nosso lugar.

O destino da humanidade é o destino da própria criação, na qual o mais humilde elo da cadeia humana é tão importante como o maior no papel que desempenha na grande corrente da vida. Não existe fuga ao destino que foi moldado para nós pelas ações do passado.

Quem poderá negar que o presente não é senão filho do passado? E, sendo o presente destinado a tornar-se pai do futuro, procurarei mostrar que a grande lição da vida deve consistir em melhorar e ajudar a raça que virá depois de nós.

Através do estudo de leis naturais como a hereditariedade e as influências pré-natais, e da observância conscienciosa dessas leis, sustento nesta narrativa que, por mais severo e implacável que o Destino possa ser, ele não é inteiramente irrevogável. Pode ser alterado através do conhecimento antecipado das tendências para o mal e para a degeneração,

suficientemente antes da sua manifestação, para que outras leis possam atuar e modificar o resultado que se anunciava.

«*O vínculo das existências passadas é forte.*» —

Sir Edwin Arnold

CAPÍTULO I

Foi durante o verão de 1889 que, acompanhado por um arqueólogo algo antiquado, me encontrei, certa manhã, a tentar negociar com alguns árabes a utilização de uma cabana durante a nossa estadia em El Karnak.

O meu companheiro era uma daquelas personagens extraordinárias que, de algum modo, se espera encontrar a viajar por um país como o Egipto.

Era um fragmento da criação que se recusara a ser moldado pela roda da vida segundo o padrão comum dos mortais vulgares.

Era alemão de nacionalidade, com uma linhagem que remontava a Noé e com tantos anos sobre os ombros que o seu coração já não media o tempo com regularidade. Em vez de palpitações, mantinha uma espécie de marcha lenta e constante que o Anjo da Morte parecia ignorar discretamente.

De profissão era professor de Arqueologia.

Conhecia cada pedra das Grandes Pirâmides e parecia, sem sombra de dúvida, ter conhecido pessoalmente todas as múmias embalsamadas desde os dias de Quéops até à nossa atual era da cremação.

Estava ligado ao departamento de múmias dos grandes museus; era um homem que trabalhava pelo prazer do próprio trabalho e não por ouro ou lucro. Tão raro era esse tipo de espírito que muitos o julgavam completamente louco — exceto, naturalmente, quando essa loucura lhes proporcionava mais dinheiro do que toda a sensatez da sua própria estupidez intelectual.

A sua pátria, o *Vaterland*, não considerara conveniente reconhecer o mérito do seu filho. Possuía muitos fósseis, humanos e de outra natureza, mas provavelmente atribuía tanto valor às suas antiguidades francesas que não conseguia perceber a utilidade do estudo dos egípcios mortos.

Por isso procurara Inglaterra.

A Inglaterra apreciava múmias.

Construía cofres e vitrinas para elas; erguia magníficos museus para as acolher; pagava a professores de aspeto sábio para as catalogarem cronologicamente e depois discutirem durante décadas a autenticidade dos seus nomes.

Assim, a Inglaterra recebeu-o de braços abertos e tornou-se o seu refúgio científico.

Em várias ocasiões os seus serviços ao Museu Britânico chamaram a atenção do Governo e, numa delas, os seus conhecimentos de joias e relíquias egípcias permitiram-lhe descobrir, através da venda de uma rara coleção desses tesouros no continente europeu, a existência de um túmulo até então desconhecido dos egiptólogos, que estava a ser lenta e sistematicamente saqueado por um grupo de árabes.

Por este serviço prestado à ciência, qualquer outro homem teria provavelmente recebido uma generosa recompensa. No seu caso, porém, ficou satisfeito por ser enviado para o Egipto na pior época do ano, a fim de organizar medidas para a futura preservação do túmulo pilhado.

Concluído esse trabalho com êxito, voltou a sua atenção para os monumentos de Tebas e, quando a minha história começa, decidira procurar, praticamente sozinho e quase sem recursos financeiros, provas da existência de outro túmulo desconhecido, de magnificência incomparável, que, segundo defendia com base em determinados dados que recolhera, existia em Tebas ou nas suas proximidades.

Quanto a mim, conhecera o velho alguns anos antes, em Londres, enquanto jantava certa noite num antigo café perto do Museu.

Foi um anel que eu usava que despertou o seu interesse.

O anel fora encontrado na mão de um esqueleto perto de Nínive: uma relíquia persa composta por três pequenos escaravelhos esculpidos, representando o Diabo, o Mundo e a Eternidade.

Ele tirou uma impressão em cera do anel e descobriu que os escaravelhos remontavam ao período sassânida da Pérsia.

A partir desse pequeno incidente tornámo-nos grandes amigos.

Não foi, portanto, surpreendente que, ao encontrarmo-nos ambos no Egito, me expusesse os seus planos e que eu concordasse em passar o resto do meu tempo com ele nas suas pesquisas entre múmias ressequidas, ídolos partidos e túmulos soterrados.

Decidíramos estabelecer o nosso quartel-general em El Karnak e foi assim que, na manhã em que esta história começa, nos encontrámos a negociar uma habitação com um respeitável cidadão árabe quase com o mesmo espírito com que se trataria com uma senhoria londrina.

Para os propósitos desta narrativa bastará deter-me apenas nos aspetos diretamente relacionados com ela. Por isso, evitarei relatar experiências secundárias ou fazer descrições extensas de El Karnak ou de Tebas.

Na manhã seguinte à nossa chegada, totalmente equipados, acompanhados por um guia e providos de tudo o que era necessário, atravessámos o Nilo e dirigimo-nos para aquele maravilhoso Vale da Morte — o vale dos **Túmulos dos Reis**.

Mal despontava o dia.

No horizonte oriental havia apenas uma longa faixa luminosa que lançava amplos raios de luz, semelhantes a flechas destinadas a trespassar o coração da noite em retirada, expulsa como um fugitivo perante os ferozes arautos do Rei do Dia.

Diante de nós erguiam-se vagamente as silhuetas de uma cadeia de colinas baixas, envolvidas naquele estranho e penetrante silêncio que parece atingir a sua intensidade máxima na hora que precede o amanhecer.

Naquele coração de granito da Necrópole encontravam-se ocultos os reis embalsamados — reis perante os quais, talvez, nações inteiras haviam tremido, mas cujos nomes agora mal são pronunciados.

Os séculos acumulados cobriram a sua grandeza.

A sua glória desvaneceu-se como os raios desaparecidos do sol de ontem.

Estão em pior situação do que os mortos sem fama, que depressa são esquecidos. Reis que foram, estão condenados a tornar-se presa de uma curiosidade sem fim. São arrancados dos seus lugares de repouso; comprados e vendidos como mercadoria; colocados em vitrinas para serem

observados; transformados em objeto de troça pelos ignorantes; expostos com os seus membros à vista; com os seus feitos registados e as suas loucuras anotadas.

E, apesar desta lição, o homem moderno continua a desejar a grandeza — ser diabo ou deus na sua ambiciosa incapacidade de recordar o futuro.

É impossível descrever adequadamente a sombria grandiosidade, a imponentia da paisagem que envolve estes túmulos.

Mal se consegue impedir que o coração sinta temor e que a alma se encha de reverência perante a aguda sensação de desolação que parece lançar um encantamento sobre tudo.

Por toda a parte erguem-se ruínas em decomposição de catacumbas e monumentos pomposos, testemunhas solenes de glórias passadas — sarcasmos esculpidos dirigidos aos vivos, advertências que ninguém escuta.

Neste vale reina um silêncio que contém, dentro da sua imobilidade, todos os elementos de uma eloquência sem palavras, embora as pedras não tenham língua e as almas dos mortos sejam espectros sem voz.

Lá no alto, acima das colinas, o olhar perde-se na imensidão azul do céu; depois regressa à escuridão dos túmulos onde repousam os faraós. E o coração dos vivos estremece, não por si mesmo — pois o indivíduo nada significa aqui — mas perante esse mistério desafiante chamado vida e esse mistério dos mistérios chamado morte, que o homem parece tão incapaz de criar, destruir ou controlar, e que nunca conseguiu resolver.

Instintivamente detivemo-nos por um momento à entrada.

Parecia que ali, naquele limiar, tudo o que era animado e inanimado ressentia os passos intrusivos do homem.

Um enorme morcego saiu de um dos túmulos vizinhos e, encandeado pela luz, chocou contra os nossos rostos. Soltou um grito abafado e desapareceu desordenadamente na direção da noite.

Pensávamos estar sós — os primeiros, naquela manhã ainda nascente, a aventurar-nos entre os vestígios de esplendores reais naquele santuário dos mortos.

Mas não era assim.

A cerca de cem passos distinguimos a figura de um homem.

Era jovem e parecia alheado de qualquer som, como se estivesse enfeitiçado pelo maravilhoso silêncio que dominava aquele lugar misterioso.

Havia algo de invulgar na sua personalidade que imediatamente captou a nossa atenção.

Não era apenas o facto de ali se encontrar sozinho a tão cedo hora, embora isso fosse já extraordinário, pois El Karnak estava praticamente deserta de turistas naquela época do ano.

Havia nele algo mais subtil.

Não existem pessoas cuja atmosfera, cuja simples presença, cujas linhas e expressões, parecem revelar uma alma superior? E não existem outras tão desprovidas dessa qualidade como de verdadeira alma?

O desconhecido retirara o boné, aparentemente em sinal de reverência perante aquela antiga morada dos mortos ilustres.

Ali de cabeça descoberta, não era possível deixar de reparar que o seu rosto fortemente marcado e quase belo possuía uma expressão de tristeza e desolação singularmente adequada ao cenário.

Embora fosse claramente inglês e usasse uma vulgar indumentária de viajante, havia nele algo que harmonizava com a estranheza daquele vale e o fazia parecer parte integrante da paisagem.

Poderia servir de exemplo vivo daquela força invisível chamada coesão, que se observa no destino das nações mas que muitos recusam admitir no destino individual do homem.

Aproximámo-nos dele com a intenção de estabelecer contacto amigável.

Para nossa surpresa, porém, lançou-nos um olhar de desconfiança peculiar e, sem responder à nossa saudação, afastou-se rapidamente em direção a um túmulo mais distante.

Parecia conhecer perfeitamente o local.

Entrou no túmulo e desapareceu da nossa vista.

Pelo guia soubemos que já se encontrava naquela região havia algum tempo; vivia afastado de todos e raramente falava com alguém, exceto quando as circunstâncias o obrigavam.

Corria o rumor de que passava praticamente todo o seu tempo, dia e noite, a vaguear entre as ruínas.

O seu local predileto eram precisamente os Túmulos dos Reis, onde geralmente podia ser encontrado.

— Mas é corajoso, corajoso como um leão — acrescentou o guia.

Depois contou-nos que, apenas um mês antes, aquele homem se lançara ao Nilo para salvar uma pequena rapariga egípcia que corria o risco de ser esmagada pela roda de pás de um vapor.

— Mas... — prosseguiu o guia, baixando misteriosamente a voz — há uma coisa que o inglês teme.

Fez então um gesto sinuoso com a mão e soltou um assobio sibilante.

Compreendemos imediatamente que o desconhecido tinha um medo extraordinário de serpentes.

Entretanto tínhamos chegado à entrada de um dos grandes túmulos, e o velho professor esqueceu tudo o resto na excitação do seu trabalho.

Por mero acaso, talvez, encontráramos um túmulo que correspondia exatamente a um esquema que ele elaborara cuidadosamente.

O seu rosto envelhecido iluminou-se de alegria e pareceu rejuvenescer perante a perspectiva da realização de um dos seus sonhos mais acarinhados.

Nos momentos de maior entusiasmo, tinha o hábito de tirar do bolso um pequeno cachimbo alemão e cantarolar baixinho enquanto o esfregava e polia na manga do seu velho casaco preto.

Naquela ocasião, o pequeno veterano foi polido até brilhar como ébano, e estou convencido de que a manga do casaco de qualquer outro homem teria acabado por arder com tão vigorosa fricção.

Com orgulho, o professor confidenciou-me que usava aquele mesmo casaco no trabalho havia mais de vinte anos.

Como resistira ao desgaste é algo que ultrapassa a minha compreensão.

Era de um preto enferrujado, muito brilhante, mas extremamente limpo, pois o professor possuía o raro talento de parecer sempre impecável em quaisquer circunstâncias.

Mesmo após uma longa caminhada pelo deserto, eu já o vira chegar ao fim sem um cabelo fora do lugar e com uma frescura no rosto imberbe que levava qualquer pessoa a acreditar que acabara de concluir a sua toilette.

Nunca perdia oportunidade para troçar da minha «desgraça de possuir uma barba abundante» e vangloriava-se de a Providência o ter poupado a tal incómodo.

Creio que consideraria um desperdício os cinco minutos necessários para se barbear e provavelmente praguejaria contra qualquer interrupção do seu trabalho.

Embora tivesse já setenta anos, era ágil e alerta como um rapaz.

É certo que usava óculos, mas ninguém espera encontrar um professor sem eles, muito menos um egiptólogo erudito.

Os seus óculos de aro dourado — a única extravagância que se permitia — conferiam-lhe uma aparência de saber tão profundo que pareciam impressionar até o nosso guia árabe.

O velhaco nem sequer tentou vender-nos as habituais histórias fantasiosas e mentiras que normalmente apresenta aos turistas.

Limitava-se a apontar os locais e objetos de interesse com um dedo longo e magro e aguardava que o professor explicasse.

Passámos de cripta em cripta até que o dia chegou ao fim e regressámos à nossa cabana.

O professor mostrava-se extremamente satisfeito com os resultados da primeira jornada, mas profundamente desconfiado do árabe que nos acompanhara.

O professor estava extremamente satisfeito com o trabalho do primeiro dia, mas mostrava-se muito desconfiado em relação ao árabe que nos acompanhara.

Depois da nossa frugal ceia, enquanto conversávamos, chamou a minha atenção para vários aspetos duvidosos do comportamento do guia.

Referiu, em particular, um incidente ocorrido quando seguíamos uma passagem que desembocava numa pequena câmara, onde o árabe se tornara positivamente insolente porque o professor insistira em demorar-se para examinar cuidadosamente a sua estrutura.

Por mais astuto que fosse, o árabe não contara com a tenacidade do homem com quem lidava.

O professor Von Heller viera a Tebas para desvendar um mistério, e nem um muro de pedra nem uma multidão de árabes hostis o desviariam minimamente do seu caminho, uma vez convencido de que era seu dever, em nome da ciência, prosseguir.

Decidiu, contudo, que no dia seguinte continuaríamos as explorações sem qualquer acompanhante.

As suas últimas palavras foram uma advertência para que eu me munisse de fósforos em abundância.

— Porque — disse ele, sorrindo — é costume destes cães matreiros, quando um viajante independente recusa os seus serviços, seguirem-no furtivamente e apagarem-lhe a tocha na parte mais confusa das criptas. Pensam que, depois de passar uma noite aterradora na companhia de múmias, ficará mais do que disposto a pagar guias no futuro.

CAPÍTULO II

Mal rompia a aurora quando o professor, já vestido, me acordou e informou, na sua maneira calma mas insistente, que estava na hora de me levantar.

Obedeci com preguiça e ainda meio adormecido.

Enquanto me vestia, a atenção foi-me atraída pelas vozes de dois homens que conversavam em árabe, em tom quase sussurrado, do lado de fora da janela.

Reconheci uma das vozes como sendo a do nosso guia do dia anterior e a outra como pertencendo ao nosso criado árabe, que, por dever profissional, deveria naquele momento estar a preparar o pequeno-almoço.

Havia algo no tom do guia — embora eu não compreendesse uma única palavra — que me deu a impressão de que eu e o professor éramos o assunto da conversa.

Nesse preciso instante, o professor regressou ao quarto.

Também ele foi imediatamente atraído pelo carácter suspeito daqueles murmúrios.

Compreendia árabe.

Fazendo-me sinal para permanecer em silêncio, aproximou-se rapidamente da janela e pôs-se a escutar.

Foi anotando no inseparável bloco de notas cada palavra que ouvia, enquanto um sorriso benevolente de satisfação surgia lentamente no seu rosto como uma lua do Nilo elevando-se no horizonte.

Poucos minutos depois, a conversa terminou.

O guia afastou-se e o nosso criado árabe anunciou, no seu inglês fragmentado mas perfeitamente compreensível, que o pequeno-almoço estava servido.

Durante a refeição, o professor confidenciou-me que as suas suspeitas da véspera estavam mais do que confirmadas.

Pelas palavras do guia concluíra que éramos vistos com desconfiança por procurarmos descobrir demasiado e que o criado fora expressamente advertido para não nos fornecer qualquer informação relacionada com os túmulos.

Pela natureza da conversa, já não restava qualquer dúvida ao professor de que existia efetivamente um túmulo desconhecido e que este constituía a mais valiosa de todas as descobertas, contendo grandes quantidades de joias e relíquias.

Os árabes que conheciam o segredo tinham elaborado um plano para o pilhar assim que surgisse uma oportunidade favorável.

Quanto à atitude que tomariam para connosco quando descobrissem que dispensáramos os seus serviços, o professor não conseguira determinar.

O criado limitara-se a ser aconselhado a zelar pelos seus próprios interesses, pois talvez um dia não regressássemos.

Confesso que senti alguma inquietação enquanto nos preparávamos para partir.

O professor contara-me toda a espécie de histórias acerca de tochas apagadas em passagens complicadas e de pessoas que tinham morrido à fome antes que a sua ausência fosse notada.

Contudo, a sua boa disposição tranquilizou-me um pouco quando declarou:

— Preparei-me para essa eventualidade e sou capaz de frustrar até a cobiça de um árabe.

Ao mesmo tempo retirou da mala de viagem duas lanternas dobráveis com obturadores escuros e uma pequena lata de óleo, que guardou discretamente no bolso.

Partimos novamente e, para evitar despertar suspeitas entre os árabes, visitámos vários outros locais de interesse antes de seguirmos para o ponto que realmente pretendíamos alcançar.

Com exceção do jovem inglês, éramos os únicos estrangeiros nas redondezas.

A estação já ia avançada e todos os que podiam tinham partido para escapar ao calor sufocante.

Quanto ao desconhecido de rosto triste, raramente era visto.

Por vezes cruzávamo-nos com ele ao percorrer os labirintos de passagens que ligavam os diversos túmulos, mas em todas essas ocasiões parecia evitar-nos deliberadamente.

Também notámos que os árabes demonstravam um receio supersticioso em relação a ele.

Nunca se aproximavam dele sob qualquer pretexto e até as crianças, que normalmente perseguiam todos os estrangeiros em busca de esmolas, afastavam-se e deixavam-no em paz.

Pela aparência e pelo modo de vestir era evidentemente um cavalheiro, mas era impossível observá-lo sem sentir a estranha sombra que parecia acompanhá-lo constantemente — uma sombra de tristeza, desespero, melancolia e pressentimento impossível de descrever.

Sentia-se a sua presença.

Quando finalmente chegámos ao local onde interrompêramos as investigações no dia anterior, o professor acendeu as lanternas e, sem dizer palavra, avançou para a escuridão absoluta das passagens subterrâneas que conduziam aos túmulos mais remotos.

De vez em quando parava e iluminava alguma escultura ou inscrição nas paredes.

Reparei então que, no início de cada corredor, examinava cuidadosamente o lado esquerdo e retirava um pouco de cera da sua bolsa de geólogo para fazer impressões de um pequeno símbolo ou carácter que me passara completamente despercebido.

A princípio pensei que se tratava apenas de uma medida de precaução para podermos reencontrar o caminho.

Mais tarde, porém, explicou-me que não pensara sequer em qualquer perigo.

Limitara-se a descobrir um símbolo que não aparecia nos restantes túmulos e que considerava uma pista importante para o sepulcro que procurava.

Até esse momento nada ouvíramos dos árabes nem sofrêramos qualquer incómodo.

Mas precisamente quando começava a vencer os meus receios, o professor fechou o obturador da lanterna e puxou-me silenciosamente para um estreito nicho escavado na rocha.

A escuridão que se seguiu era absoluta.

Os nossos olhos, incapazes de se adaptarem de imediato, continuavam a reproduzir as cores brilhantes das figuras e inscrições que havíamos observado momentos antes.

O silêncio era quase enlouquecedor.

Subitamente foi quebrado por um leve ruído de passos arrastados.

Percebemos então a presença de um árabe nu que rastejava diante de nós como uma serpente.

Esperámos bastante tempo antes de abandonar o esconderijo e, quando finalmente o fizemos, foi apenas para regressar à cabana e dar por terminada a exploração daquele dia.

O professor passou o resto da tarde a organizar cuidadosamente as diferentes impressões de cera que recolhera.

Dispô-las segundo o desenho que fizera dos túmulos e, quando tudo ficou devidamente ordenado, chamou-me.

Com um ar de satisfação sombria, mostrou-me que todos os sinais conduziam exatamente à parte do túmulo onde o guia perdera a paciência na véspera.

— E, no entanto — disse ele, esfregando o pequeno cachimbo preto com renovado vigor — juraria, depois do exame que fiz ontem, que ali não existe nada além de rocha maciça.

Nesse momento, o jovem inglês passou diante da porta.

Olhou na nossa direção e aquele algo indefinível que havia no seu rosto despertou tal interesse no professor que este esqueceu tanto os mapas como as impressões de cera.

Dirigiu-se à entrada e observou o estranho caminhar em direção às ruínas do templo de Karnak.

Quando voltou aos seus esquemas, já não era para trabalhar, mas para pensar.

As suas mãos enrugadas empurravam distraidamente as impressões de cera sobre o papel.

Até o pequeno cachimbo negro fora esquecido.

Percebi então que o mistério humano representado por aquele jovem exercia sobre o seu espírito um fascínio maior do que o próprio mistério de Tebas, que tão obstinadamente procurava desvendar.

Enquanto o observava, acabei por adormecer na cadeira.

Depois de um longo e repousante sono, despertei perto da meia-noite e encontrei-o ainda na mesma posição, mergulhado numa profunda meditação.

Desejando distraí-lo, toquei-lhe no ombro e sugeri um passeio antes de nos recolhermos.

Sobressaltou-se ao meu toque e concordou, limitando-se a colocar o chapéu e a seguir-me mecanicamente para a rua silenciosa.

Caminhámos sem destino em direção às ruínas de Karnak.

Era uma daquelas noites que só podem ser vistas no Egito e apenas em certas épocas do ano.

O silêncio da morte parecia reinar eternamente naquele lugar.

Não havia vento nem qualquer som de homem ou animal.

Tudo na Terra parecia mergulhado numa quietude dolorosa, enquanto nos céus uma grande lua pálida pairava como o fantasma de um mundo morto, solitário e incapaz de encontrar repouso.

O calor era intenso.

Um calor pesado e abrasador erguia-se do deserto em ondas quase invisíveis, secando os lábios e fazendo inchar as veias como o beijo de uma febre quando as forças abandonam o corpo.

As pequenas cabanas caiadas que rodeavam as ruínas permaneciam silenciosas e severas.

Como pareciam insignificantes perante a sombra daquelas colunas majestosas e esculturas magníficas, ainda grandiosas apesar da ruína e decadência!

Era fácil imaginar as pálpebras fechadas, os lábios entreabertos e os membros deformados escondidos por aquelas miseráveis habitações — escondidos, sim, para que os espectros do luar não escarnecessem dos desgraçados descendentes do passado.

Sem trocar uma palavra, atravessámos pátio após pátio e contemplámos os enormes pilares que se erguiam como gigantes em direção ao silêncio imperturbável do céu.

Ruínas encontravam-se por toda a parte.

Mas que ruínas!

Majestade, grandeza, inteligência — uma inteligência soberba — haviam concebido e erguido aqueles monumentos que nem os dentes vorazes do tempo tinham conseguido destruir completamente.

Verdadeiramente dignos de servir de sepulcro a reis.

Seria então de admirar que aqueles que construíram monumentos tão extraordinários, destinados a atravessar os séculos como testemunho da sua glória terrena e do seu poder gigantesco, procurassem também preservar os seus mortos contra as cruéis devastações do tempo?

Por isso envolveram em faixas de linho e especiarias de embalsamamento as mãos que haviam empunhado cetros ou trabalhado, as cabeças que haviam concebido ou governado e os corpos que haviam venerado, esperando que também eles pudessem perdurar, já que não podiam viver para sempre.

E, contudo, que vaidade a dos mortais ao tentarem enfrentar e frustrar o inevitável — a lei do Destino.

Não conseguiram preservar os mortos da decomposição, nem impedir que os seus templos ruíssem, nem salvar as suas dinastias da devastação dos usurpadores.

É estranho e humilhante para a nossa própria época verificar quão pouco aprendemos com as lições do passado.

As suas religiões estão mortas; os seus deuses encontram-se destruídos; os seus templos arruinados não passam de monumentos à loucura.

As múmias, com todas as suas especiarias e ligaduras, reduziram-se a pó. Mais repulsivo ainda: alguns vermes foram privados do seu alimento, enquanto outros foram alimentados como vampiros.

E, no entanto, nós, com a nossa tão proclamada civilização, com os nossos credos e cristianismos, somos consumidos por uma vaidade que me atrevo a dizer não ser menor do que a deles.

Já não erguemos deuses de pedra, mas criamos outros menos tangíveis: deuses de ideias, deuses de teorias, deuses que não deixam ruínas visíveis, exceto nos corações traídos daqueles que outrora os adoraram.

É verdade que as nossas diversas religiões também construíram templos, mas não como os templos das antigas crenças.

Já não temos tempo para esculpir nas suas paredes a história ilustrada da nossa época e, infelizmente, avaliamos a sua glória pela riqueza das suas receitas.

Já não oferecemos sacrifícios visíveis de sangue e carne.

Não.

Mas, através do nosso egoísmo e da nossa luta ambiciosa, os nossos caminhos ficam semeados de sacrifícios ainda mais condenáveis.

Substituímos as ações pelos credos — credos que torturam, acorrentam e embotam a consciência; que nos transformam em escravos do egoísmo de algum homem elevado à condição de deus; credos que, por fim, mudam, fracassam e nos deixam destroçados entre as ruínas das nossas desilusões.

E, apesar de tudo, a lei da Vida e da Morte continua a mesma.

As flores do campo florescem para murchar — e nós também.

As crianças vêm e partem como os rebentos das árvores.

Ri-se, brincam, parecem luminosas como flores.

Mas, tal como as flores, dificilmente têm consciência do verme hereditário da doença que lentamente se insinua até ao centro dos seus corações para as destruir.

Ainda assim prestamos homenagem a santuários.

Rezamos a este santo e àquele deus.

Mas a corrupção aumenta, o sofrimento instala-se e o fim chega.

Só quando somos confrontados com um momento supremo compreendemos quão terrível e inevitável é o Destino.

Só quando estamos indefesos.

Quando somos esmagados por algo a que não conseguimos resistir.

Então, numa meia-cobardia, baixamos a cabeça e murmuramos:

— Seja feita a Vossa vontade.

Mas a alma permanece em rebelião.

Demasiado tarde. Demasiado tarde!

Recusamos reconhecer o justo direito que o Destino exerce sobre o homem, embora o reconheçamos nas nações.

Colocamo-nos num pedestal e sonhamos que tudo vemos apenas porque vemos um pouco.

Pobres pigmeus que somos.

Dizemos que controlaremos quando somos os controlados.

Somos servos obedientes sem sequer compreender o significado da obediência.

Para tranquilizar a própria consciência, cada um fabrica uma imagem de Deus que sirva de refúgio à sua irresponsabilidade.

Sentimo-nos dominados pelo Infinito que nos criou, que dotou o nosso ser de pensamento, sentimento, consciência e espírito.

Mas recusamo-nos a imitá-Lo.

Nascemos para reproduzir e aperfeiçoar a nossa própria espécie.

Vede quão lamentavelmente cumprimos essa missão.

Transgredimos as leis da Natureza que Deus nos concedeu e depois admiramo-nos, como idiotas, das suas imperfeições e crueldade quando as penalidades inevitáveis são exigidas.

Nessas transgressões somos piores do que os animais.

Porque conhecemos o mal e, mesmo assim, resistimos ao bem.

E contudo o mundo continua.

As épocas da sementeira e da colheita sucedem-se.

As nações erguem-se e caem, e o mesmo acontece aos homens.

Mas poucos se preocupam com aquilo que semeiam ou com o facto de colherem «o que não semearam».

A insondável lei do Destino está acima de tudo, à volta de tudo e dentro de tudo.

É tudo.

Abrange o princípio e o fim.

É a Verdade e a Falsidade.

O bem e o mal.

E as consequências que deles decorrem.

É Deus, o Infinito.

É o homem, o finito.

E é o amor e o bem — esse mistério que oculta o propósito último.

Enquanto permanecia sob aquelas gigantescas estruturas do passado, estes pensamentos atravessaram-me a mente.

Pela primeira vez compreendi plenamente a pequenez do homem e a grandeza dessa lei governante do Destino, adorada ao longo dos séculos sob tantos nomes diferentes.

Voltei-me para o meu velho amigo e surpreendeu-me verificar que o efeito sobre ele fora semelhante.

Era possível ler no seu rosto a surpresa da alma.

Via-se a ruína de velhas ideias e crenças ortodoxas.

Mas ainda não tínhamos aprendido a lição.

Limitámo-nos a abrir as capas do livro.

Os homens, tal como as crianças, gostam de imagens.

Dentro de momentos iríamos contemplar uma delas.

Uma ilustração.

Uma gravura traçada pelo lápis do Destino.

Algo que ficaria para sempre gravado nos nossos corações.

Avançávamos em silêncio para o centro daquela grande **Sala das Colunas**, onde ainda permanecia uma parte do teto desmoronado, quando fomos sobressaltados por um soluço abafado que parecia vir de um canto das ruínas onde as sombras acumuladas são sombrias e quase impenetráveis mesmo à luz do dia.

Era mais do que um soluço.

Era um gemido emitido através de dentes cerrados.

Um gemido tão intenso que parecia ultrapassar os limites do humano.

Transformou-se numa voz de dor que ricocheteava de coluna em coluna, ecoando nos nossos ouvidos e gelando o sangue que momentos antes corria quente nas nossas veias.

Ficámos imóveis.

Possuídos por um terror impossível de descrever.

Olhámos um para o outro, mas os nossos próprios rostos empalidecidos assustaram-nos à luz daquela lua lívida que envolvia tudo num brilho espectral.

O silêncio horrível que se seguiu ao grito pareceu-me insuportável.

Ouvia o sangue subir-me pela garganta, zumbir junto aos ouvidos e invadir o cérebro até que todos os nervos e músculos ficaram paralisados pelo medo.

Novamente ouvimos aquele clamor dilacerante.

E, na exaltação dos nossos sentidos, parecia que o víamos.

Víamo-lo em mil formas e figuras atravessando o espaço sob o teto destruído, chocando contra ídolos de pedra e deuses partidos, espalhando uma angústia tão profunda pelos nossos ouvidos que os nossos corações quase cessavam de bater enquanto escutávamos.

Já não havia qualquer dúvida.

Era o grito de uma alma em agonia.

Não uma alma comum, mas uma daquelas almas sensíveis e fortes que guardam as suas dores para si próprias e só choram no silêncio da noite, quando ninguém existe para partilhar o Getsémani do seu sofrimento.

Instintivamente avançámos para ajudar.

Para consolar.

Para fazer qualquer coisa que impedisse aquele som de voltar a repetir-se.

Mas mal tínhamos dado alguns passos na areia macia quando surgiu das sombras a figura de um jovem.

Era precisamente o homem que tantas vezes ocupara os nossos pensamentos.

O mesmo rosto belo e melancólico que nos chamara a atenção desde a nossa chegada.

Lentamente, mas com passo firme, avançou até ao centro e ali permaneceu imóvel.

Tão imóvel como o enorme ídolo caído que jazia atravessado no seu caminho.

O cabelo estava lançado para trás da testa e o seu rosto viril, marcado pela dor e pela tristeza, destacava-se vigorosamente contra as colunas gigantescas que o rodeavam.

A camisa inglesa, larga e leve, encontrava-se aberta desde a garganta até à cintura.

As mãos estavam crispadas sobre o peito, como se estivesse prestes a arrancar o próprio coração e esmagá-lo contra as pedras.

Naquele instante parecia olhar diretamente para os olhos do Céu.

Era mais do que um homem.

Era um deus interrogando a misericórdia de um Ser maior.

Mas subitamente toda a sua expressão mudou.

Pareceu contorcer-se de dor.

Apertou as mãos ainda mais sobre o peito e cerrou os dentes para sufocar o grito que voltava a erguer-se das profundezas da sua alma.

Lutou contra ele.

Mas a agonia era demasiado intensa.

O grito rompeu.

Irrompeu através dos dentes cerrados e, com um gemido semelhante ao de um animal ferido e perseguido, cambaleou para diante e caiu sobre o ídolo como se estivesse morto.

Num instante o velho professor ajoelhou-se junto dele.

Com a ternura de uma mulher limpou as grandes gotas de suor da sua testa e esfregou as mãos frias que permaneciam imóveis.

Como não havia sinais de vida, lançou-me um olhar inquieto e voltou a observar o corpo estendido, tão inerte quanto o ídolo quebrado ao seu lado.

Mas havia movimento.

Um movimento que nos fez prender a respiração.

Sob a fina camisa de seda algo se movia no peito.

Algo que, como um pressentimento de desgraça, nos encheu de horror.

Instintivamente aproximei-me também do infeliz e ergui as pregas da camisa.

Ao fazê-lo toquei em algo que me fez estremecer de pavor.

Algo tão horrível, tão medonho, que ainda hoje, enquanto escrevo, consigo recordar vividamente a sensação.

A minha mão encontrara uma coisa fria e viscosa que vivia ali.

Moveu-se sob o meu toque.

Contorceu-se como se estivesse em tormento.

Olhei com atenção.

Era a cabeça de uma serpente.

Uma cabeça de serpente com olhos cegos que tremiam debaixo dos meus dedos.

Um único olhar bastou.

Cambaleei para trás e caí desmaiado devido ao choque.

O meu bom amigo acreditou que eu morreria naquele mesmo instante.

Mas, em vez disso, o incidente obrigou-me a permanecer de cama durante semanas.

CAPÍTULO III

Quando recuperei os sentidos encontrei-me sozinho com o meu velho companheiro.

Após aquele horrível episódio, teve enormes dificuldades para me levar de regresso à nossa habitação.

Passaram-se dias e mesmo semanas antes de voltar a mencionar o sucedido.

Por fim, numa noite, contou-me que, precisamente quando eu perdera os sentidos, o desconhecido recuperara a consciência e abriu os olhos.

Com uma expressão simultaneamente surpreendida e aterrorizada, fechara rapidamente o casaco sobre o peito, levantara-se de um salto e desaparecera entre as ruínas sem pronunciar uma única palavra.

Mesmo então, o professor recusava acreditar no que eu afirmava ter visto.

Foi inútil tentar convencê-lo.

Por fim, talvez apenas para me tranquilizar, sugeriu que aquele indivíduo excêntrico poderia possuir uma serpente de estimação semelhante à que eu descrevera.

Uma noite, enquanto conversávamos sobre aquele estranho acontecimento, o indivíduo em questão aproximou-se lentamente da nossa cabana.

Por um momento imaginámos que vinha falar connosco. Pareceu haver um brilho de satisfação nos seus olhos ao ver-me restabelecido.

Mas, em vez de falar, limitou-se a erguer lentamente o boné, fez uma vénia e seguiu caminho, mais uma vez na direção das ruínas de Karnak.

O professor ficou muito satisfeito até com esse simples gesto de reconhecimento.

Estava convencido de que aquele homem misterioso viria, um dia e de alguma forma, a fornecer a chave do segredo que tão ardentemente desejava desvendar.

Não conseguia apresentar qualquer razão concreta para essa convicção.

Limitava-se a sentir que assim seria.

Por alguma força intuitiva indefinível, a sua alma parecia já ter tocado as possibilidades do futuro.

Estava seguro disso.

E, contudo, embora esse fosse o seu mais sincero desejo, a certeza não lhe trazia felicidade.

Talvez porque, ao contemplar o futuro, a sua alma vislumbrasse provações e sofrimentos tão grandes que considerasse excessivo o preço de tudo aquilo que ainda teria de aprender e suportar inevitavelmente.

A minha recuperação permitiu-nos retomar os trabalhos em Tebas.

Todas as manhãs atravessávamos o Nilo e, por vezes, só regressávamos à cabana tarde da noite.

Encontrávamos repetidamente o nosso estranho amigo durante as nossas explorações, mas ele parecia sempre evitar-nos.

Até o afável professor começava gradualmente a concluir que seria tão fácil estabelecer amizade com a Esfinge como com aquele homem.

Foi então que, através de um incidente muito simples, a barreira acabou por ser quebrada.

Como tantas vezes acontece na vida: quando deixamos de fazer planos, tornamo-nos bem-sucedidos.

Havia já muito tempo que o professor se dedicava a recolher impressões de determinados hieróglifos encontrados nas paredes das galerias.

Ao juntar posteriormente os diferentes fragmentos, descobrira que formavam uma espécie de chave, que utilizava para orientar a sua progressão de passagem em passagem.

Nesse dia, porém, viu-se completamente bloqueado por um símbolo que, à primeira vista, parecia bastante simples.

O velho tentara repetidamente encaixar as secções de forma a prosseguir o plano que concebera.

Mas havia algo errado.

Depois de inúmeras tentativas, acabou por desistir, soltando um suspiro de genuíno desespero.

Foi então que o desconhecido surgiu de uma das passagens e se aproximou de nós.

Pareceu compreender imediatamente toda a dificuldade.

Erguendo o boné perante o professor, disse:

— Senhor, se me permitir, mostrar-lhe-ei onde está o erro.

Sem esperar resposta, reorganizou as peças e, em poucos segundos, a dificuldade ficou resolvida.

A gratidão do professor não conheceu limites.

Expressou-se simultaneamente em alemão e em inglês e só se calou quando o jovem comentou tranquilamente:

— Está apenas no princípio. Ainda não resolveu a verdadeira dificuldade.

Mas a esperança alojada no coração do velho era difícil de extinguir.

Cheio de gratidão e satisfação, apertou novamente a mão do jovem e voltou ao trabalho.

O desconhecido desapareceu quase tão rapidamente como surgira.

Mas o gelo estava quebrado.

E o professor aguardava com alegre expectativa um novo encontro.

Esfregava as mãos de contentamento ao pensar que, desde o primeiro instante, a sua intuição lhe dissera que aquele homem possuía o segredo que procurava.

Chamou-me a atenção para a facilidade com que ele reorganizara os fragmentos — algo impossível sem conhecimento prévio do significado daqueles símbolos.

— Mas, afinal, para onde conduzem essas figuras? — perguntei.

O velho apontou para o estranho mapa de símbolos que tinha diante de si.

— O último deles, aquele que deve conter o segredo, é formado, segundo este esquema, pela combinação dos sete primeiros sinais. Devemos estar muito perto dele. Vamos procurá-lo.

Pegou numa lanterna e avançou.

Estávamos realmente perto do fim.

Após poucos passos chegámos à mesma pequena câmara que visitáramos no primeiro dia acompanhados pelo guia.

Para meu espanto, vimos gravado no centro do teto o estranho símbolo que procurávamos.

Era exatamente igual ao representado no mapa.

Com uma expressão de triunfo e satisfação, o velho deu largas à sua alegria executando aquilo que, estou convencido, pretendia ser uma versão alemã de uma dança escocesa das Terras Altas.

Mas o clima do Egipto não era propício a exercícios tão vigorosos.

O resultado foi o rápido colapso do venerável professor.

Quando recuperou do esforço, examinou cuidadosamente o símbolo.

Não conseguiu interpretá-lo do ponto de vista linguístico, mas percebeu sem dificuldade que, embora possuísse uma identidade própria, era na realidade composto pelos sete sinais anteriores.

Apesar disso, não podia esconder o facto de estar tão longe da solução como antes.

Era verdade que descobrira algo estranho.

Algo que nenhum outro arqueólogo encontrara.

Mas, no fim de contas, não passava de uma curiosa gravura numa câmara vazia.

Um enigma sem solução.

Talvez uma porta sem chave.

Em vão examinou as paredes em busca de uma abertura ou passagem secreta.

Em vão bateu com o martelo no chão e no teto.

Tudo produzia exatamente o mesmo som.

Apenas despertava ecos.

Ecos que escarneciam das suas esperanças.

Ecos que morriam lentamente no espaço e o deixavam mergulhado no desespero.

Demorou muito tempo a admitir que estava completamente derrotado, após tantos dias e semanas de investigação laboriosa.

Trabalhara metodicamente até concluir que os sinais descobertos eram claramente marcos orientadores destinados a conduzir o explorador através daqueles labirintos subterrâneos.

E estava convencido de que um símbolo composto pelos sete caracteres constituiria inevitavelmente o «Abre-te Sésamo» do túmulo secreto — o Eldorado dos seus sonhos.

Mas o misterioso símbolo, o cobiçado heptágono, encontrava-se naquela insignificante câmara cega, com pouco mais de três metros de lado, construída em mármore tebano e sem qualquer outra inscrição, palavra ou hieróglifo além daquela estranha gravura central.

Entretanto, o acesso ao grande túmulo — caso este realmente existisse — permanecia obstinadamente oculto.

Num último esforço, o velho voltou a examinar cada centímetro da alvenaria.

O seu pequeno e fiel martelo interrogou ruidosamente todas as superfícies.

Sem resultado.

Vi os seus olhos encherem-se de lágrimas quando se preparou para partir.

Não pronunciou uma palavra até regressarmos à cabana.

E, ao desejar-me boa-noite, percebi pelo tom abatido da sua voz que, pela primeira vez em toda a sua vida, perdera completamente a esperança.

No dia seguinte, porém, com a coragem renovada, partimos como antes. Alcançámos novamente as catacumbas, encontrámos as passagens que tínhamos percorrido no dia anterior e, após alguma dificuldade, ocupámos mais uma vez a pequena câmara marcada por aquele único e significativo símbolo de sete. Uma e outra vez, o professor, com a sua infatigável pertinácia, tentou por todos os meios ao seu alcance e conhecimento ver se conseguia arrancar daquelas paredes sólidas qualquer pista para a passagem secreta que pudesse conduzir ao objetivo que esperava contra toda a esperança alcançar.

Passavam horas sem qualquer promessa; os blocos sólidos de granito ecoavam piedosamente, uma e outra vez, os golpes metálicos do seu martelo, recusando implacavelmente revelar o seu segredo, até que, por fim, esgotado e exausto, o pobre professor se deixou cair sobre as lajes, abandonando-se por momentos à desilusão e ao desespero.

Não aguentei ficar a testemunhar a sua dor, por isso peguei na minha lanterna e afastei-me por uma das passagens adjacentes numa pequena viagem de exploração por minha conta. Tive o cuidado de me manter na mesma passagem, não me atrevendo a aventurar-me sozinho por outras, temendo perder-me nos seus intrincados labirintos. Mal tinha percorrido qualquer distância, o meu pé tropeçou no corpo nu de um árabe, que rastejava para longe da câmara onde eu tinha deixado o professor.

O homem tinha estado evidentemente a ouvir sub-repticiamente cada palavra que tínhamos dito e, no único relance que dei do seu rosto, reconheci-o como um dos membros do bando de onde, na primeira manhã, tínhamos selecionado o nosso guia. Esperando plenamente que ele saltasse sobre mim na escuridão, saquei rapidamente do meu revólver; mas, em vez

de me atacar, ele soltou uma gargalhada zombeteira e amaldiçoou todos os cristãos enquanto se afastava e desaparecia.

Retrocedendo apressadamente os meus passos após esta ocorrência, fiquei surpreso e consideravelmente sobressaltado ao ouvir vozes vindas da câmara onde tinha deixado o professor sozinho. Corri para a frente para o proteger, se necessário, mas, para meu espanto, em vez de o encontrar rodeado por árabes vilões, encontrei-o no centro da câmara, a apertar energeticamente ambas as mãos do jovem que já tinha captado tanto a nossa atenção, agradecendo-lhe profusamente.

À minha aproximação, o meu velho amigo, com a voz a tremer de emoção, contou-me em poucas palavras que o desconhecido tinha vindo de livre vontade para servir de nosso guia e se tinha oferecido para nos mostrar o próprio túmulo que procurávamos, o qual apenas ele e alguns árabes conheciam.

— Sim — disse o desconhecido, voltando-se para o professor —, mostrar-vos-ei o que procurais. Muitas vezes desejei revelar o meu conhecimento do segredo, mas esperei até poder transmiti-lo a alguém que compreendesse o seu valor histórico e científico, e não o considerasse simplesmente um tesouro a ser pilhado. Por esta razão, tenho, sem que se dessem conta, observado o vosso trabalho.

Ouvi inclusive as palavras que dirigiu ao seu amigo. Hoje, fiquei tão comovido com a sua avassaladora desilusão que já não me consegui conter de lhe dizer que aquilo para que trabalhou tão fielmente está agora ao alcance da sua mão. Não me agradeça. Sob condições diferentes, provavelmente teria usado o meu conhecimento atual em proveito próprio. A honra da descoberta, no entanto, ser-me-ia inútil neste momento da minha calamitosa carreira. Mas venham, não temos tempo a perder com palavras; há também perigo em sermos vistos juntos, particularmente neste lugar. Encontrem-me esta noite à entrada desta cripta e de bom grado vos revelarei tudo.

CAPÍTULO IV

Quando a noite caiu, fiéis às instruções do jovem, cruzámos o rio desde El Karnak para nos juntarmos a ele à entrada dos túmulos. Muitas

vezes me perguntei, desde então, por que razão tanto o professor como eu ficámos mais do que habitualmente impressionados com a doçura do mundo exterior. Enquanto caminhávamos por aquele vale silencioso e misterioso em direção aos “*Túmulos dos Reis*”, uma e outra vez reparámos instintivamente no brilho das estrelas, no resplendor da luz da lua, ao passo que, quanto mais descíamos no vale, mais parecíamos recuar perante a tarefa que nos aguardava. O que poderia isto pressagiar?

As colinas que ocultavam o lugar de repouso dos reis erguiam-se escuras e sinistras no silêncio da noite e recortavam-se nitidamente contra o céu. A entrada dos túmulos parecia agora bocas negras e famintas — bocas de vampiro — escancaradas para os corpos dos vivos ou dos mortos, enquanto o próprio ar parecia vibrar com pressentimentos que sentíamos, mas não conseguíamos compreender. Durante a última parte da nossa jornada não falámos, e foi um verdadeiro alívio quando, finalmente, avistámos o nosso estranho amigo a andar de um lado para o outro diante do local de encontro combinado.

As suas instruções explícitas tinham sido para não levarmos lanternas acesas, nem fazermos nada que pudesse atrair a atenção dos árabes ao passarmos por El Karnak. Fomos também avisados para nos guardarmos bem de ser seguidos e a primeira pergunta que o nosso novo amigo fez foi se tínhamos sido observados. Respondemos negativamente; tanto quanto sabíamos, tínhamos passado sem ser vistos. Tendo-se certificado de que não havia árabes a rondar os túmulos, a sua cautela ditou que deveríamos todos rastejar de mãos e joelhos até estarmos a alguma distância debaixo de terra, antes de acendermos as nossas lanternas.

Foi assim que começámos, o nosso estranho guia primeiro, depois o professor e, por último, eu. Lentamente e sem ruído, fomos descendo cada vez mais fundo no túmulo. A cada curva, o nosso guia esperava por nós e conduzia-nos em segurança de uma passagem para outra. A escuridão era intensa, e o calor e o abafamento quase insuportáveis. O único ruído que quebrava o silêncio era quando ocasionalmente perturbávamos algum morcego grande e ouvíamos o sussurro das suas asas negras enquanto passava a voar por nós e desaparecia. Uma vez pensámos ouvir vozes atrás de nós, mas, tendo esperado algum tempo sem que o som se repetisse, chegámos à conclusão de que os nossos sentidos tensos nos tinham enganado e prosseguimos cautelosamente.

Por fim, o nosso companheiro considerou seguro acender as lanternas e, com a ajuda delas, depressa alcançámos a pequena câmara com o estranho e misterioso símbolo de sete. Voltando-se para o professor, o nosso companheiro disse:

— Agora, senhor, vê que segui exatamente a mesma rota que tão cuidadosamente e de forma admirável deduziu através daqueles caracteres que descobriu. Todos os seus cálculos estavam certos até este ponto, contudo, ter-lhe-ia sido impossível ir mais longe por cálculo, a menos que, por alguma sorte afortunada, tivesse deparado com o segredo. Os egípcios sempre foram famosos pelos seus intrincados engenhos arquitetónicos.

Nunca deixará de ser a maravilha do mundo saber como as pedras colossais que formam a Pirâmide de Quéops foram alguma vez colocadas em posição. Mas o que pensará quando lhe disser que a maravilha desta câmara é que uma das suas paredes de pedra inteiras é, na realidade, uma porta giratória, e uma porta, também, que a força de uma criança poderia abrir, desde que essa criança conhecesse o segredo?

Dito isto, olhou para cima, para o estranho símbolo no centro do teto e, seguindo um determinado ângulo, colocou o pé esquerdo numa ligeira marca de desgaste na rocha aos seus pés. Com a mão direita tocou ao de leve num dos lados da parede quando, para nosso espanto, todo o lado da câmara girou sobre o seu eixo, deixando uma abertura de cada lado pela qual uma pessoa podia facilmente passar. Entrámos ansiosamente e vimos-nos numa câmara que correspondia exatamente àquela que tínhamos deixado. O nosso companheiro passou pelo mesmo processo que utilizara para abrir a parede e, com um ligeiro ruído, a enorme pedra girou de volta para o seu lugar.

Atravessando esta câmara, alcançámos uma passagem estreita que, por sua vez, nos conduziu ao interior de um cone invertido, por cujos lados inclinados nos preparávamos para descer, quando o nosso companheiro chamou a nossa atenção para um enorme bloco de pedra que repousava na borda do cone, equilibrado de tal forma que o mais pequeno toque o faria despenhar-se até ao fundo.

— Aquela pedra — disse ele — foi ali colocada simplesmente como um selo quando a ocasião o exigisse; assim que cair — disse lentamente —, o túmulo abaixo ficará selado para sempre.

Ao descer, tivemos de dar voltas e voltas ao cone, exatamente como quem segue as espiras do sulco de um parafuso imenso. Ao fazê-lo, fomos forçados a passar sob a enorme pedra várias vezes, e achei impossível fazê-lo sem sentir um calafrio de medo, receando que ela pudesse ser deslocada e cair. Por fim, alcançamos a base do cone e parámos por um momento sob um pequeno arco, perdidos de espanto perante a visão que se deparou aos nossos olhos.

Estávamos no limiar da entrada de um túmulo imenso, maior até do que a Câmara do Rei em Gizé. Era de grande altura e construído na forma de uma pirâmide de sete lados. As paredes, o chão e o teto eram de mármore tebano polido, que refletia e ampliava em todas as direções a luz insignificante das nossas lanternas. Os corpos de sete múmias jaziam sobre plataformas de pedra elevadas nos sete pontos da câmara, e estavam dispostos de tal modo que o eco produzido pela parede da câmara, em cada ponto onde os sete corpos jaziam, parecia repetir o mais pequeno sussurro de uma múmia para a outra até que, após circular em redor das sete, terminava onde tinha começado com um volume redobrado.

Foi o professor quem, inconscientemente, foi o primeiro a evocar este surpreendente fenómeno acústico. Ele tinha-se demorado à entrada um instante mais do que nós, absolutamente enfeitiçado. Reverentemente, o velho homem tirou o seu puído chapéu de palha e, ao fazê-lo, escapou-se-lhe dos lábios:

— Oh, Deus! Que maravilhoso! Que maravilhoso!

Múmia após múmia parecia repetir as palavras e, quando a sétima as emitiu em voz alta, o velho agarrou-se ao meu braço para se apoiar, enquanto os seus lábios trémulos repetiam involuntariamente a ladainha aceite dos mortos — e, novamente, este eco misterioso e sinistro girou em redor daquele estranho círculo até fazer ricochete de volta para o professor, flutuando depois em direção ao teto e morrendo.

O efeito no silêncio sepulcral que aqui imperava pode ser mais facilmente imaginado do que descrito. Uma sensação de temor e reverência pelos poderosos mortos possuiu-nos por completo. Enquanto ali estávamos, a nossa raça moderna parecia composta por pigmeus, as nossas orgulhosas invenções como nada comparadas com o intelecto e a ciência daqueles

egípcios mortos que tinham planeado e erguido todas estas estruturas maravilhosas.

Mas, ai de nós! Que cenário de pilhagem e de vandalismo se nos revelou à medida que avançávamos!

Todos os sarcófagos tinham sido arrombados, exceto um, e mesmo esse não tinha escapado por completo à violação por parte dos árabes ou provavelmente de raças anteriores que tinham invadido esta maravilhosa cripta. A maior parte das múmias tinha sido impiedosamente saqueada. As ligaduras de linho que tinham envolvido as múmias tinham sido indecentemente arrancadas por completo de algumas, mas, com mais frequência, tinham sido simplesmente arrancadas dos peitos e as joias e relíquias retiradas. Quem quer que tivessem sido os saqueadores, em toda a parte se evidenciava uma pressa extrema e temerária.

Joias e anéis estavam espalhados aqui e ali no chão, como se um turbilhão tivesse varrido o lugar, e perto da entrada encontrava-se o esqueleto de um homem adulto, que tinha caído com as suas mãos gananciosas cheias de joias e perecido tal como tinha caído. A postura, o aspeto e a proximidade da entrada contavam a sua própria história — ele tinha sido evidentemente surpreendido ou alcançado por alguma calamidade e tentara escapar apenas com o que conseguira agarrar, e em flagrante, por alguma razão inexplicável, caíra para nunca mais se levantar.

O sarcófago fechado era o objeto de especial interesse para o professor. Estava afastado dos outros que compunham os sete e ocupava uma posição de distinção, quase no centro do túmulo. Era diferente dos outros na forma e não tinha ornamentos de quaisquer caracteres egípcios, exceto um símbolo curioso que o professor examinou com avidez. Tirando alguns decalques do bolso, escrutinou-os e comparou-os com o símbolo. Por fim, erguendo os olhos triunfante, disse, muito agitado pela sua excitação:

— Se aquilo que penso ter encontrado aqui se provar verdadeiro, esta será a descoberta mais valiosa de todas as que foram feitas até hoje em ligação com a história do Antigo Egito.

Tornando-se mais calmo, explicou que o maior enigma para todos os egiptólogos tinha sido, e até ao presente momento continuava a ser, o sarcófago vazio encontrado na Grande Pirâmide — a Pirâmide de Quéops.

Contou-nos então, em poucas palavras, que entre os escritos de Diodoro, na sua descrição das Pirâmides que lidava com o período de Quéops, ele tinha escrito claramente: — “*Embora este rei tivesse destinado esta Pirâmide para o seu sepulcro, aconteceu contudo que nunca ali foi enterrado. Pois o povo, estando exasperado por razão da penosidade do trabalho, ameaçou despedaçar o seu corpo morto e com ignomínia lançá-lo fora do sepulcro; pelo que, ao morrer, ele ordenou aos seus amigos que o enterrassem noutra lugar.*’ ”

— Este sinal curioso — continuou o professor — é exatamente semelhante a um encontrado na Grande Pirâmide, entre as inscrições relativas à Primeira Dinastia; portanto, não é ilógico concluir que este sarcófago diante de nós contém nada menos que a múmia perdida de Quéops. Devemos voltar amanhã — estava o professor precisamente a dizer — e, simultaneamente com as últimas palavras, um som ligeiro, mas sinistro, sobressaltou-nos.

Poderia ter sido impercetível, não fosse o eco do túmulo. Foi, quando muito, apenas um som ligeiro, mas um som que lançou o terror nos nossos corações e enviou um calafrio gélido por cada nervo e veia. Vinha da abertura do grande cone através do qual tínhamos passado. Isto foi suficiente para nos dizer que tínhamos sido traídos e que, noutra segundo, enfrentaríamos um destino terrível demais até para imaginar.

Instintivamente, corremos em direção à abertura pela qual tínhamos entrado. Tarde demais! Uma gargalhada zombeteira e diabólica alertou-nos para o nosso perigo. No momento seguinte, ouviu-se um estrondo surdo e depois um estrondo ensurdecador que ressoou como mil canhões nos nossos ouvidos. Percebemos que a pedra tinha caído e a abertura estava selada para sempre!

CAPÍTULO V

Não me vou alongar sobre os nossos sentimentos, bastará confiar na imaginação do leitor para retratar a agonia que a mera ideia de ser encarcerado, enterrado vivo, criaria. Quanto maior é a perda, mais silenciosamente muitas vezes é suportada, e o mesmo se passa, suponho,

sob a pressão de um choque muito grande. A surpresa de qualquer situação nova, seja ela uma desgraça ou um sucesso, muitas vezes rouba à mente, por momentos, a sua ansiedade.

O velho professor, que doze horas antes quase chorara como uma criança quando frustrado no seu propósito, agora, confrontado com um destino tão terrível, estava aparentemente tão calmo como se naquele momento estivesse simplesmente a prosseguir o seu trabalho diário no Departamento de Múmias do Museu Britânico. De facto, o pequeno cachimbo alemão fez inclusive a sua aparição — mas não para ser esfregado até brilhar como ébano. Ah, não! Apenas para ser segurado carinhosamente com dedos nervosos, como se dois amigos de longa data estivessem prestes a separar-se.

Quanto ao nosso novo companheiro, disse muito pouco, mas o que disse revelou em tons agoniados a tortura que estava a sofrer pela terrível infelicidade que, involuntariamente, tinha trazido sobre nós. Não descansaria enquanto não tentasse todos os planos de fuga possíveis. Mas que fuga poderia haver de uma tal prisão, de um túmulo debaixo de todos os outros; um lugar construído com tal secretismo que tinha frustrado, durante séculos, todas as tentativas de descoberta. Não, aquela última gargalhada diabólica de lábios árabes haveria de ser o último som da terra que alguma vez ouviríamos.

Oh, Deus, que terrível! Aquela marcha constante em redor da nossa lúgubre prisão; o pressionar das nossas mãos contra as pedras; olhos cansados da escuridão; e corações pesados pela falta de esperança!

Ocasionalmente, recuávamos, enojados de medo, quando os nossos sussurros convocavam os ecos misteriosos e ouvíamos a imitação dos nossos pensamentos falados regressar a nós, como que saídos dos lábios há muito mortos daquelas múmias rígidas que tinham jazido tantos séculos neste túmulo frio e escuro.

Havia um poço no centro, um enorme buraco negro que mergulhava nas entranhas da terra; exatamente como o que existe no centro das Pirâmides em Cairo. Sem esperança, gravitávamos uma e outra vez para a sua borda e estendíamos as nossas lanternas, enquanto espreitávamos para a sua negridão terrível e sem limites, e nos perguntávamos se a ajuda surgiria para nós das suas profundezas infindáveis.

Pouco depois, uma das nossas lanternas apagou-se. Isto lembrou-nos de que a hora se aproximava seguramente em que não teríamos luz nenhuma. Como crianças, aconchegámo-nos uns contra os outros, aterrorizados pela nossa própria impotência; e deitámo-nos esmagados e quietos ao lado daquele cofre fechado, que tinha perdido a história da múmia que encerrava.

Com o tempo, caímos num silêncio absoluto.

Sabíamos tacitamente, à medida que as horas passavam, que em breve estaríamos em trevas totais, e abandonados sem esperança de salvação.

São poucos, muito poucos, os que poderiam conceber o que significam tais trevas; ou que poderiam imaginar a sensação de pavor inominável que se apodera do coração, e cai como um terrível peso de chumbo sobre os sentidos, esmagando-nos contra o chão.

Que visões e delírios extraordinários passam diante dos olhos de alguém sob tais condições! Às vezes, luzes estranhas, semelhantes a pirilampos coloridos, dançam diante dos sentidos tontos, e depois umas névoas esbranquiçadas que cresciam da escuridão, que tomavam a forma dos pensamentos de alguém, que nos assustavam com formas distorcidas, rostos ausentes e fantasias queridas — que desaparecem para voltar — que voltam apenas para escarnecer, para atormentar e, novamente, para sumir.

Para aumentar o horror da situação, logo começámos a perceber que a temperatura da cripta era consideravelmente mais baixa do que a dos nossos corpos. Possivelmente, a extrema depressão dos nossos espíritos afetava a nossa circulação; contudo, gradualmente, o frio parecia penetrar e quase congelar a medula dos nossos ossos. E isto não era tudo — logo veio o medo de que houvesse ainda outra aflição reservada para nós, que se somaria à miséria das trevas, do frio, do cativeiro.

Pude notar como o frio parecia afetar terrivelmente o nosso estranho companheiro, pois ouvia-o estremecer e sentia-o tremer violentamente. Tirei o meu casaco e atirei-o sobre ele. Momentos depois, percebeu-se um leve gemido, um gemido tão parecido com aquele que tínhamos ouvido antes, que agarrei o braço do professor. Ele também o tinha ouvido, e estava sentado a escutar.

Ouvimo-lo novamente, de forma leve, mas mais distante. Estendemos a mão para tocar no nosso infeliz companheiro, mas ele tinha-se ido, e podíamos ouvi-lo a rastejar cada vez mais para longe, para um canto remoto, para sofrer sozinho.

Não tivemos coragem de acender os nossos fósforos e arrastá-lo do seu esconderijo. Instintivamente, sabíamos que nada podíamos fazer, e por isso tivemos de nos deitar e escutar os gemidos fracos que ele, involuntariamente, emitia de tempos a tempos. Mas a sua agonia atingiu finalmente o auge, e fomos Tateando o caminho através da cripta, para descobrir que o espasmo tinha passado e que o pobre homem jazia exausto sobre as pedras.

Cuidadosa e gentilmente, levantámo-lo e ajudámo-lo a regressar ao abrigo daquele cofre desconhecido que, de algum modo, parecia ser o nosso lar naquele lugar lúgubre. Não aludíramos, em momento algum, ao seu sofrimento ou à causa dele, e, conseqüentemente, ficámos algo surpreendidos quando, por sua livre vontade, ele começou, em voz baixa, a relatar-nos a seguinte história.

CAPÍTULO VI

Apoiando-se contra o sarcófago por abrir, começou, com uma voz fraca: — Sinto que é meu dever, no presente momento, dizer-vos a causa do meu sofrimento, para que, mais tarde, possais compreender mais facilmente que nada podeis fazer para ajudar ou aliviar. Há ainda outro motivo que me impele a falar — um ao qual podereis chamar fraqueza, mas uma fraqueza que se esconde no peito de toda a humanidade, a saber, o desejo de desabafar o coração de cada segredo que o tem oprimido, quando o fim se aproxima, quando a maré da vida está na vazante, quando os baixios, e as areias, e as algas já não podem ser abrigados pelas ondas, ou ocultados pela espuma.

“Em poucas horas, sinto-me seguro de que os meus lábios se calarão para sempre. Sou impelido a fazer esta confissão por uma razão que a minha própria história explicará, mas, se por alguma circunstância extraordinária acontecer que ainda escapeis, peço-vos, como um último ato de bondade, que deixeis o meu corpo para sempre neste lugar.

“Para que vos possa explicar os estranhos acontecimentos — que são como elos na cadeia do Destino — que me atraíram irresistivelmente até este mesmo túmulo, é necessário que vos conte certas circunstâncias que rodearam tanto os meus pais como a minha própria juventude.

“O meu pai, o Coronel Chanley, por altura do meu nascimento, comandava uma guarnição muito importante no Norte da Índia, perto da fronteira com o Afeganistão. Ele estivera durante muito tempo no serviço indiano, e era bem conhecido e temido pelos nativos em todas as partes do país. Era um homem justo, mas extremamente severo e rigoroso na execução da justiça.

Era algo avançado em idade na altura do seu casamento, e fora considerado pelos seus amigos um solteirão convicto. Causou considerável celeuma quando, subitamente, anunciou a sua intenção matrimonial e escolheu para noiva a única filha do seu velho camarada, o Major Upham. A minha mãe, que, embora jovem na altura do casamento, era uma mulher que ganhara considerável experiência na vida de guarnição na Índia, e consequentemente estava bem adaptada para assumir as numerosas funções sociais que, mais tarde, recairiam sobre ela como esposa de um oficial comandante.

Tal como o meu pai, todos os seus antepassados, por gerações, tinham estado no serviço militar, e, tal como ele também, na sua maior parte em ligação com os assuntos indianos. Isto pode, de alguma forma, ter sido responsável pelo seu porte altivo e imperioso para com os nativos, mas, em todas as ocasiões possíveis, ela não poupava esforços para ocultar os seus preconceitos pessoais. As pessoas avisavam-na, repetidamente, do perigo que corria ao incorrer no ódio de tal raça, mas nem o aviso, nem a ameaça, tinham o efeito de causar uma mudança nos seus sentimentos, ou a podiam induzir a adotar uma atitude mais diplomática.

Após o seu casamento, ela dedicou-se deliberadamente a banir, de toda a região circundante, todos os fazedores de prodígios, mercadores de milagres e afins; e tão determinada e antagonista era no seu zelo que não limitou a sua tarefa aos faquires, malabaristas e mágicos mais comuns, mas foi ao ponto de levar as suas perseguições contra os inofensivos iogues e místicos que se encontram em tantas partes da Índia.

“Houve um, contudo, que, apesar de todos os esforços dela, ela não conseguiu afetar nem desalojar. Era um homem de extrema idade, um iogue ou místico da mais alta ordem, que habitava no cimo das montanhas que dominavam a guarnição do meu pai. Este homem era tido pelos nativos como detentor do poder extraordinário de prever o desastre, a peste ou a morte, com semanas e até meses de antecedência.

A sua aparição em qualquer lugar ou aldeia era, em todas as ocasiões, responsável pela cessação total do trabalho ou de qualquer tipo de ocupação. Quando visto a aproximar-se, toda a população saía ao seu encontro e, num silêncio ominoso, seguia-o e observava-o caminhar, como parecia, num transe, até chegar ao centro da aldeia. Uma vez ali, pronunciava a sua previsão numa voz profunda e sonora, e desaparecia tão misteriosamente para a montanha de onde viera.

“Por causa da reverência com que era considerado pelos nativos, este homem, escusado será dizer, não deveria ter sido incomodado; no entanto, a cada oportunidade, a minha mãe não escrupulizava em falar sobre a superstição ignorante dos nativos, e citava as pretensões do iogue de profetizar como um exemplo da má influência de tais coisas sobre os crédulos. E assim as coisas continuaram até pouco tempo antes do meu nascimento. Por essa mesma altura, esperava-se algum problema com os afridis na fronteira afegã, e um segundo regimento de soldados foi enviado para reforçar o comando do meu pai. Era um costume bem observado na vida de guarnição na Índia que, à chegada de um novo regimento, se oferecesse habitualmente uma recepção e um baile para dar as boas-vindas aos recém-chegados aos seus novos quarteiros, e nesta ocasião, sendo a primeira recepção do género que a minha mãe tivera a oportunidade de dar desde o seu casamento, ela determinou fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para torná-la memorável aos olhos dos seus convidados. Nada foi deixado por fazer para enfatizar o acontecimento.

Ficou combinado que o baile se realizaria no quartel, e o grande edifício e os terrenos circundantes foram alegremente decorados com faixas e bandeiras, até que todo o lugar tomou um aspeto festivo que deve ter sido extremamente grato aos recém-chegados.

“Tudo correu bem, até cerca de metade do baile, quando uma figura estranha e selvagem emergiu da noite e, cruzando o salão de baile por entre os dançarinos, abriu caminho até um estrado no qual a minha mãe por

acaso estava sentada e, numa voz profunda e sonora, proclamou, como a última previsão que estava destinado a proferir, que, antes de a noite fechar, a guarnição seria atacada e quase totalmente destruída.

“Durante a agitação que se seguiu, o velho homem poderia ter escapado, não tivesse a minha mãe perseguido até aos próprios terrenos e ordenado à guarda que o prendesse.

“Regressando ao salão de baile, ela restabeleceu as festividades ridicularizando a previsão. A música recomeçou e a dança foi retomada.

“Duas horas mais tarde, um pequeno incêndio foi descoberto numa das salas, mas foi facilmente extinto. Pouco depois, contudo, descobriu-se o teto em chamas, e, enquanto dançarinos, músicos e espetadores fugiam alarmados, ouviu-se o toque forte de uma corneta, e, antes que os oficiais e homens tivessem tempo de sequer empunhar as suas espadas, muitos foram trespassados por lanças e derrubados por um bando feroz de afridis que, sob a capa da escuridão da noite, se tinham aproximado rastejando dos foliões desprevenidos.

Nos primeiros momentos, tudo foi uma confusão selvagem, mas os soldados reorganizaram-se rapidamente e, após uma luta renhida que durou mais de duas horas, repeliram os invasores de volta para as montanhas e restauraram a quietude, mas não antes de um número considerável de tropas ser morto e ferido.

“Quando a manhã rompeu, a minha mãe instou a um exame do velho, que, durante todo este tempo, estivera confinado numa cela. Durante o seu julgamento, o iogue não abriu os lábios — nem mesmo quando revistaram a sua habitação nas montanhas e regressaram com um papel coberto de sinais místicos e tendo inscrito no seu centro o momento exato do ataque. Ele foi finalmente condenado com base em provas circunstanciais, como estando em conluio com os insurgentes, e levado para os terrenos do quartel para ser fuzilado. Envergonho-me de dizer que a minha mãe permaneceu ao lado do meu pai para testemunhar a execução do iogue.

“Mesmo antes de ser dada a ordem de fogo, aproximando-se do velho, ela pediu-lhe que confessasse livremente, e na totalidade, o papel que desempenhara na tragédia da noite. Erguendo-se em toda a sua estatura, ele disse orgulhosamente: ‘Senhora, nada tenho a confessar. A morte para os iogues não é nada. Morremos para viver. O crime que estais prestes a

cometer trará a sua própria punição. Assim como não desejo escapar ao meu destino, também vós não podereis escapar ao vosso — nem a criança que em breve trareis ao mundo escapará ao dele — lembrai-vos! Eu falei. Matai-me.’

“Enquanto ela se afastava desdenhosamente, a palavra de comando foi dada, os mosquetes dispararam e o velho caiu crivado de balas. No mesmo instante, bem acima do estrondo das armas, ecoou um grito dilacerante de susto e terror, e a minha mãe caiu desfalecida nos braços do meu pai. Quando o fumo se dissipou, foi evidente para todos que algo terrível ocorrera para a assustar.

Algo parecia ter saltado da relva e batido nela, mas o que fora, ninguém parecia saber. ‘Algo me sobressaltou’, foi toda a explicação que ela própria deu, e assim levaram-na de volta para a parte do quartel que tinha escapado ao incêndio, e ela ali permaneceu por alguns meses até que, devido ao seu susto, eu nasci prematuramente.

“Tal foi a história do meu nascimento que ouvi quando cresci o suficiente para compreender. O que tinha atingido ou assustado a minha mãe naquela manhã terrível, não descobri senão anos mais tarde.

“Quando ela recuperou o suficiente para viajar, para espanto de todos os que conheciam a sua natureza ambiciosa, insistiu em que o meu pai se reformasse do exército e regressasse a Inglaterra. E assim foi, como uma criança de colo, que fui retirado da Índia e criado no Sul de Inglaterra, e durante muito tempo imaginei que tinha nascido no lugar calmo e pequeno que o meu pai possuía nos vales de Devon. Foi anos mais tarde, quando eu era já um rapaz crescido, que, numa noite, o meu pai me contou esta história do meu nascimento. Foi, de facto, a última noite que passámos juntos, pois pouco tempo depois fui para a faculdade e o meu pai foi convencido a aceitar uma posição importante no Serviço Civil e a regressar à Índia.

“Foi apenas a perspectiva de um título, disseram alguns, que induziu a minha mãe a deixá-lo regressar, mas, à medida que os anos passavam e ele continuava lá, as pessoas admiravam-se de que ela não se juntasse a ele; mas como ela não fazia segredo do seu desagrado pela Índia, isso foi atribuído a tal facto e, assim, esquecido.

“Não houve nuvens que manchassem o brilho da minha juventude de que me consiga lembrar. Todos com quem entrei em contacto previam uma carreira brilhante para mim. Na verdade, naqueles primeiros dias, quase tudo em que tocava ou tentava tornava-se um sucesso. Na faculdade, o estudo era um prazer, não uma tarefa, e as honras caíam aos meus pés. Os meus dias de faculdade terminaram pouco depois de eu ter completado o meu décimo nono ano, e regressei a casa para passar alguns meses antes de decidir finalmente em que direção voltar a minha atenção.

“Havia uma carta afetuosa do meu pai à minha espera, na qual vinham as alegres novas de que, noutro mês, ele estaria a caminho de Inglaterra numa longa licença de ausência. Fiquei tão radiante com a notícia que, na manhã seguinte, parti a cavalo para a cidade mais próxima para lhe enviar uma mensagem de telegrama com os nossos parabéns. No meu caminho, tive de passar pela casa paroquial e, ao fazê-lo, refreei o meu cavalo, pensando em acenar da estrada, através do jardim de rosas, com uma saudação amigável ao reitor. Mas em vez de ver o venerando reitor, um doce e jovem rosto surgiu afastando as rosas para me cumprimentar, e, enquanto eu me inclinava do meu cavalo para tomar uma mão bela e macia na minha, os olhos escuros de uma mulher ergueram-se em minha direção e, no olhar de reconhecimento que se seguiu, ambos sentimos que o anjo do amor tinha, pela primeira vez, entrado na câmara secreta dos nossos corações.

“Sim, a pequena companheira de folguedos dos meus primeiros dias tinha crescido para ser uma mulher. E, por estranho que pareça, ela tinha regressado de uma escola na Alemanha no mesmo dia em que eu tinha regressado da faculdade. Quase me tinha esquecido dela durante todos os anos em que estivera fora, mas o único toque da sua mão, o único olhar dos seus olhos, afastou as teias de aranha da memória, e mais uma vez Lucy Marsden estava diante de mim — ah, quão longe parecia! — no seu vestidinho branco e fitas cor-de-rosa, tal como espantámos o reitor numa manhã ao marcharmos solenemente até ele e pedirmos para ser casados.

“Mas ela tinha crescido para ser uma mulher. Os seus olhos pareciam repreender-me por pensar nela como uma criança.

“Não esperei para ver o reitor e, não compreendendo muito bem o novo sentimento no meu coração, tomei as rosas que ela me deu e,

premindendo-as contra os meus lábios, afastei-me a cavalo, pensando noutras coisas, devo confessar, que não o objeto do meu passeio.

“A primeira nuvem veio no meu regresso a casa. A minha mãe reparou nas rosas e, para meu espanto, pareceu lamentar que Lucy Marsden tivesse regressado. Fez tudo o que pôde para mudar os meus sentimentos em relação a ela e, finalmente, tentou fazer-me prometer que não a veria mais. Foi o primeiro desentendimento que alguma vez surgira entre nós. A partir daquele momento, a minha mãe revelou-se a mim sob a sua verdadeira luz. Fiquei chocado, pois ela tentava, pelos pretextos mais engenhosos, impedir as minhas visitas à casa paroquial.

“Mas o Amor é uma expressão da vida — maior até do que a vida que lhe deu origem. Lucy e eu tornámo-nos inseparáveis. Tentei uma vez, como teste à genuinidade e constância do sentimento, arrancar-me de perto dela, apenas para descobrir que lhe tinha dado o meu coração, a minha alma, cada sentimento de nobre nobreza e amor que um homem alguma vez deu, ou que uma mulher alguma vez aceitou. E assim, uma noite, enquanto caminhávamos ao luar por entre as rosas daquele velho jardim de Devonshire, falei-lhe do meu amor, dos meus planos, das minhas perspectivas e, olhando para as estrelas que eram as nossas testemunhas, empenhámo-nos para sempre, à vista do Deus que ambos adorávamos.

“Estávamos tão felizes nos poucos e curtos dias que se seguiram que temíamos cada noite, com receio de que a manhã seguinte nos trouxesse desgosto. Quase temíamos a nossa felicidade, pois éramos apenas mortais, sabíamos que nada que fosse mortal poderia durar, e assim cada momento trazia tanto o medo como a alegria no seu encalço.

“Tenho-me perguntado frequentemente, desde então, por que razão Deus criou o amor, quando o preço que pagamos por ele é, por vezes, até maior do que a salvação da alma. É uma coisa pequena perder o descanso no porvir, pois o espírito não pode ter dor de coração. Mas saber o que é o amor, e perder o que se amou, ser obrigado a viver continuamente através de momentos que são piores do que eternidades, ter um corpo vivo para cuidar, para vestir, para alimentar, enquanto por dentro há um coração morto, é, em meu entender, uma pena muito maior do que a tão alardeada agonia dos condenados.

“Mas são tão poucos os que verdadeiramente alguma vez amaram, de modo que palavras como estas transmitem significado a poucos, muito poucos na verdade. As pessoas, por regra, apenas querem, e desejam, e cobiçam possuir — elas não amam! Elas usam mal a palavra e, na sua futilidade, vão aos seus livros escolares procurar um significado para o seu sentido sagrado. Mas amar verdadeiramente, amar com o coração e a alma, com o cérebro e o corpo, é ser como Deus, na única aproximação humana à Divindade — para os puros e fiéis é criar não uma coisa, mas todas as coisas — um novo Céu e uma nova terra. E no cumprimento dos sonhos que são, ver a perfeição dos sonhos que hão de vir.

“E assim acontecia connosco. Mas éramos filhos da terra, governados pelas leis da causa e do efeito — condenados pela loucura de outrem.

“Uma manhã fatal chegou a notícia de que o meu pai tinha sido morto, por acidente. A tais coisas o costume chama acidente ou acaso quando são más, e atribui-as à vontade de Deus quando são boas.

“Quando o corpo do meu pai foi finalmente depositado no descanso, naquele pacato adro em Devon, descobri que a administração dos seus bens e capital ficava unicamente nas mãos da minha mãe, durante o tempo da sua vida, com exceção de uma plantação de chá na Índia, que ele tinha comprado recentemente e me tinha legado para quando atingisse a maioridade.

A minha mãe não perdeu tempo em exercer os poderes legais de que se viu tão inesperadamente dotada para impedir o que lhe aprazia chamar uma **mésalliance**. Em vão lhe roguei. Em vão protestei. Viesse o que viesse, a minha mente estava plenamente decidida a casar com a Lucy, e eu iria até aos confins da terra para realizar o meu propósito. Nas suas tentativas para me frustrar, ela não dava ouvidos às minhas súplicas; e logo percebi que teria de recorrer a meios mais fortes se quisesse manter a minha resolução.

“Dentro de alguns meses eu atingiria a minha maioridade e, convencido de que a minha mãe estava determinada a ter-me sob o seu poder através da venda da propriedade na Índia antes que eu a controlasse, nada mais me restava senão ir para a Índia e tentar impedir qualquer ação na matéria.

“Foi apenas na manhã fixada para a minha partida que, pela primeira vez, lhe falei da minha resolução. Tudo estava pronto, o *dog-cart* tinha dado a volta até à porta, quando entrei no quarto dela para me despedir.

“Tinha-me preparado para uma cena, mas certamente não para a tempestade que se seguiu. Quando lhe contei, ela, ao início, tentou simplesmente dissuadir-me de ir; depois, por sua vez, tentou súplicas, depois ameaças e, finalmente, enquanto eu me arrancava do quarto, ouvi-a atirar-se para o sofá e soluçar: ‘Para qualquer lugar, para qualquer lugar, meu filho, menos para a Índia!’

Houve algo nessas palavras que me fez hesitar. Parei e voltei-me para ela; pensando encontrá-la amolecida, perguntei pela última vez se ela consentiria no meu casamento. Mas, com a simples menção do assunto, ela recaiu na mesma mulher dura de um momento antes; mais argumentos eram inúteis, pelo que, dizendo ‘Adeus’, voltei-me, saí do quarto e, sem vacilar, fui levado para a estação.

“Tinha-me despedido da Lucy na noite anterior. Ela também fizera tudo o que estava ao seu alcance para me impedir de ir, e foi com um estranho sentimento de pressentimento e melancolia que olhei do comboio na direção da casa paroquial e vi, ou imaginei ver, um rosto pálido por entre as rosas à sua janela, e uma pequena mão branca que me acenava um último adeus.

“Tentei consolar-me por deixá-la repetindo vezes sem conta que era por amor dela que tinha de ir. ‘Hei de precisar de dinheiro e de posição por causa dela’, pensava eu; ‘ela deve ter tudo o que o mundo lhe possa dar’ — e, no entanto, as palavras da minha mãe, ‘Para qualquer lugar, para qualquer lugar, meu filho, menos para a Índia!’, ainda ecoavam nos meus ouvidos e enchiam-me de pressentimentos e pensamentos sombrios que tentei em vão banir.

“Durante a viagem, resolvi que, assim que os meus assuntos de negócios estivessem resolvidos, faria uma visita rápida ao lugar do meu nascimento. Lembrava-me vividamente de tudo o que o meu pai me tinha contado e tentei imaginar as montanhas escarpadas e aquela cena estranha e trágica que ocorrera antes do meu nascimento. O desejo de ir até lá tornou-se irresistível.

“Ao chegar à Índia, procedi ao ajuste dos assuntos relacionados com a plantação, que seria legalmente minha muito em breve. Foi uma sorte que assim fosse, pois agilizaria as coisas e permitir-me-ia vender a plantação e regressar para a Lucy imediatamente. Mas, ah, quão pouco sabemos sobre o quão escravos somos nas mãos desse mesmo Destino que enviou um Napoleão para o trono e um Judas para a destruição!

“Semana após semana passava, atraso após atraso surgia. Um soldado embriagado agrediu um cipaio — seguiu-se um motim e todos os assuntos do Governo ficaram paralisados. Noutra ocasião, devido à redação incorreta de um telegrama, todas as transações foram, de momento, interrompidas. Todas as pequenas coisas — sim, pequenas coisas! — Mas, infelizmente, tão potentes! Tão fatais!

“E assim aconteceu que atingi a maioria na Índia — atingi a maioria, herdeiro de uma propriedade, certamente, mas e se eu vos disser que havia também uma outra herança — uma herança com a qual eu não tinha contado.

“Naquela manhã, quando a minha alma deveria estar jubilante, acordei como de costume, acordei para encontrar o calor insuportável, mesmo àquela hora precoce e, ao afastar a cobertura da cama para aliviar a minha opressão, notei uma curiosa dor latejante no meu lado esquerdo, a qual não conseguia explicar.

“Fatigado pela dor, adormeci novamente e sonhei, pareceu-me, o mesmo sonho vezes sem conta. Pensei que o meu pai entrava no quarto e, inclinando-se, me sussurrava ao ouvido: ‘A semente que é semeada deve ser colhida — importa pouco por quem. Sê paciente, não há outra lei senão a de Deus. A natureza e o destino são servos da mesma.’

“Acordei com as palavras a ecoar nos meus ouvidos, acordei com aquela horrível dor roedora, pior do que antes, e com um terrível medo e pavor de algo que não conseguia explicar e, ainda menos, compreender. Embora o meu cérebro estivesse muito perturbado durante o dia, escrevi uma longa carta à Lucy com uma aparência de alegria. Ela tinha-me surpreendido na sua última carta ao informar-me, como uma novidade que pensava que me agradaria, que a minha mãe mudara completamente de atitude em relação a ela, pelo que expressava grande alegria; e que estivera

em casa da minha mãe várias vezes e que iria lá novamente na própria noite em que escrevia, para falar sobre o futuro e sobre mim.

“Os meus primeiros pensamentos foram no sentido de impedir tais visitas. As suas palavras simples encheram-me de pressentimentos. Mas, no momento seguinte, não pude deixar de me sentir envergonhado da minha deslealdade filial, pelo que apenas respondi que estava, de facto, surpreendido com tal mudança por parte da minha mãe e esperava que nada surgisse que lhe causasse qualquer arrependimento. Mais não me permiti escrever sobre esse ponto, pois toda a minha natureza estava em rebeldia.

“Vezes sem conta li a carta da minha amada e, enquanto fazia uma pausa e ponderava sobre as suas doces palavras e pensamentos ainda mais doces, sentia-me tão feliz que esqueci o meu sonho, os meus pressentimentos de mal e até a terrível dor roedora no meu lado, que, durante algumas horas do dia, me causava a maior agonia. Consolei-me com o pensamento de que, estando agora na maioridade, poderia desfazer-me da plantação num curto espaço de tempo e regressar e ouvir aquelas palavras de amorosa ternura dos lábios da Lucy. Sim, sonhava reclamá-la muito em breve como minha esposa.

“Contudo, certas technicalidades legais tiveram de ser cumpridas e quase seis meses expiraram antes que eu pudesse finalmente dispor da propriedade e preparar-me para regressar.

“Durante todo este tempo sofri uma dor considerável, mas não procurei qualquer conselho médico. Convenci-me de que era provavelmente o resultado de algum esforço e que seria melhor esperar e obter a devida atenção quando regressasse a Londres. Havia, contudo, outra coisa que me causava maior ansiedade. Há uns meses, vinha a notar uma mudança considerável no tom das cartas da Lucy.

Tornavam-se cada vez mais diferentes das expressões espontâneas de amor e devoção que eu ao início recebera. Ocasionalmente, vinha uma mais no tom de outrora, contudo eu não podia deixar de ver que alguma mudança tinha ocorrido e o meu coração ficava doente de ansiedade quanto à causa. Pouco depois, chegou uma palavra do reitor dizendo que a Lucy estivera muito doente, mas que, pensava ele, estava a melhorar e que não havia necessidade de ansiedade ou de eu regressar antes que os meus negócios estivessem totalmente resolvidos.

“Ansiava por apanhar o próximo vapor, mas, como tudo estava na véspera da conclusão, fui forçado a esperar e tentei consolar-me contando as horas e os dias em que seria capaz de regressar para confortar a Lucy.

“Como uma certa transação, ao concluir os meus negócios, me tinha chamado para uma curta distância do lugar do meu nascimento, e encontrando-me, após ela estar resolvida, livre e obrigado a esperar uma semana antes de o vapor zarpar, determinei fazer a viagem, pois seria provavelmente a única oportunidade que alguma vez teria de o fazer.

“Alas! quão pouco sabemos o que um único passo nesta ou naquela direção pode trazer. E, no entanto, é inútil lamentar. O que tem de ser, será. Eu tinha de ir.

“Cheguei ao lugar, dei-me a conhecer e fui recebido com a maior hospitalidade pelo coronel e pelos oficiais no quartel. Como tencionava permanecer ali apenas um dia, na manhã seguinte, acompanhado por alguns dos meus novos amigos, parti para ver os vários pontos de interesse, tais como fortes, etc., construídos pelo meu pai durante o seu comando da guarnição.

“Mais uma vez ouvi a história extraordinária do velho iogue, que foi executado na manhã seguinte ao ataque ao quartel. Pois, embora anos tivessem passado, a história corria por todos os regimentos que ali estavam estacionados. Muitas e estranhas eram as teorias avançadas enquanto cavalgávamos, quanto ao que tinha assustado tanto a minha mãe, ou ao que o meu pai e ela tinham visto quando o velho iogue caiu sem vida no chão.

“Refreando o seu cavalo enquanto passávamos sob as arestas escarpadas de uma montanha, o coronel apontou para cima, para uma grande caverna mesmo acima de um extraordinário planalto de rocha sólida, a qual, disse ele, tinha sido a habitação do velho iogue durante o comando do meu pai. Em tom de brincadeira, propus que fôssemos lá; o coronel levou a minha proposta a sério, mas recusou pessoalmente fazer a subida com a desculpa de que os seus ‘ossos eram demasiado velhos para a escalada’. Os outros dois oficiais, contudo, saltaram com a ideia, pelo que, deixando os nossos cavalos ao cuidado do coronel, começámos a subir a encosta íngreme.

“Era ainda o início da manhã e o orvalho da noite tornava as rochas e os musgos tão escorregadios e perigosos que fomos forçados a proceder

com a máxima cautela. Finalmente, alcançámos o amplo planalto rochoso em frente à boca da caverna e, por um momento, ficámos arrebatados com a magnificência da vista. Toda a natureza parecia ter-se combinado para produzir uma riqueza de cenário que não poderia ser superada.

“A floresta, a planície e a montanha estendiam-se ao nosso redor e, como um grande panorama, pareciam mudar, crescer e depois dissolver-se com cada movimento dos olhos. Acima das nossas cabeças, o pico escarpado da montanha erguia-se até ao próprio coração do céu, enquanto de todos os lados o Tempo tinha esculpido as rochas em formas estranhas e fantásticas que desafiariam a mais selvagem imaginação descrever.

“Estendido abaixo de nós, podíamos ver o quartel e os soldados a moverem-se como formiguinhas ocupadas ao sol da manhã, enquanto à nossa direita ficava um forte caiado de branco hasteando a bandeira inglesa e com as bocas negras dos seus canhões a olharem como olhos ciumentos através da fronteira.

“‘Tornaria místico qualquer homem viver aqui’, disse um dos oficiais, enquanto se voltava para a caverna. ‘E vejam aqui, aqui há comida para comer e água para beber.’ E apontou para onde uma nascente brotava através da própria face de uma grande rocha, rodeada por um verdadeiro jardim de ervas comestíveis.

“Dentro da caverna, encontrámos tudo como se o seu habitante a tivesse deixado há apenas uma hora. Havia um leito rude no seu canto mais profundo, sobre o qual estava estendida a pele de um grande tigre e, ao seu lado, havia um conjunto de prateleiras toscas que continham uma variedade de livros sobre assuntos profundos, o que completamente nos espantou.

Na extremidade, lá muito dentro, havia uma grande cavidade que aparentemente tinha sido usada como templo. No centro erguia-se um altar e uma figura de pedra de Shiva — o Destruidor — que, pela sua aparência, deve ter sido esculpida há séculos. Diante do deus, ainda restavam as hastes murchas de ervas e flores — provavelmente a última oferenda propiciatória do velho iogue antes daquela noite fatal.

“Sobre uma tabela, rude como o resto do mobiliário, colocada à cabeceira do leito, estava uma cópia dos Vedas, uma Bíblia inglesa e uma placa de pedra na qual era evidentemente costume do idoso recluso escrever os seus pensamentos. Tremendo, peguei na placa. Parecia sentir

que a minha alma iria ler a sua sentença de morte, contudo não pude deixar de olhar.

“A primeira linha estava em hindustani, que eu não conseguia decifrar. Depois vinham as palavras em inglês: ‘Nenhum homem escapará ao seu destino — não morreu até um Deus para que as escrituras se cumprissem?’

“‘Nenhum homem escapará ao seu destino!’ Estranho, pensei eu, que para onde quer que me volte haja algum aviso deste género a interpelar-me. ‘O que poderá isto significar?’, clamei em voz alta, esquecido dos meus companheiros. Em resposta veio um suspiro, tão misterioso, tão estranho, tão audível que até os soldados recuaram no seu medo.

“‘Vamos embora!’, exclamou um deles. ‘Este lugar dá-me arrepios e, além disso, não podemos fazer o coronel esperar mais tempo.’ E, puxando-me pelo braço, prepararam-se para sair. Tínhamos descido apenas alguns passos quando me lembrei de que tinha esquecido o meu chicote ao lado do leito e voltei para o buscar, chamando os outros para que não esperassem, pois eu os seguiria.

“‘Regressando do forte brilho do sol para a penumbra da caverna, por um momento não consegui ver. Quando consegui, o meu coração quase falhou. Dei-me conta da aparição de um velho a olhar para mim a partir do leito e, quando os meus olhos se cruzaram com os dele, ele apontou com um dedo longo e magro para aquelas palavras na placa, que ainda corriam como azougue pelo meu cérebro.

“‘Uma sensação de medo apoderou-se de mim. Corri cegamente para fora da caverna, os meus pés escorregaram nas rochas e nos musgos; em vão me agarrei aos arbustos e silvados no meu caminho. Tentei parar, mas algo parecia perseguir-me. Podia ver o coronel lá longe no caminho abaixo. Podia ouvir as vozes dos meus companheiros a gritar-me para ter cuidado. Mas os meus pés estavam a escorregar, as pedras, os musgos e as rochas deslizavam debaixo de mim.

Agarrei-me a ramos, mas eles partiram-se; a minha cabeça estava tonta, os meus sentidos doentes de medo. Ouvi uma enorme rocha que eu tinha deslocado ir a despenhar-se estrondosamente no abismo abaixo e, com um grito selvagem de socorro, o meu corpo cambaleou e não me lembro de mais nada.

“Quando a consciência regressou, encontrei-me deitado nos aposentos do coronel no quartel. Disseram-me que ali estivera por três dias. Ao início, temeu-se que o crânio estivesse fraturado, mas, quando um exame minucioso foi feito pelos cirurgiões, eles descobriram que, juntamente com um corte profundo no crânio, a lesão mais grave que eu recebera fora uma fratura complicada da perna direita, suficiente para me manter de costas por oito semanas, pelo menos. ‘Mas a Lucy’, pensei eu, ‘o que será dela? O que pensará ela deste atraso depois de todas as minhas promessas de regressar?’ E, enquanto ali jazia dia após dia em agonia, os meus pensamentos eram sempre dela e de como ela suportaria a desilusão.

“Após muito tempo, consegui que as minhas cartas fossem reencaminhadas para a guarnição. A primeira que abri foi do velho reitor, dando-me a cruel notícia de que, novamente, a minha amada estava doente — tão doente que estava impossibilitada de escrever.

“Com um grande esforço, doente como estava, levantei-me e determinei que partiria para Inglaterra — mesmo que isso me matasse, lembro-me bem daquela manhã. Estava meio vestido quando a dor no meu lado, que eu não sentia há alguns dias, regressou com dupla fúria. O cirurgião entrou neste momento e, quando fui novamente colocado na cama, ele começou um exame e, eu podia ver pela expressão intrigada no seu rosto que a agonia que eu sofria estava além da sua compreensão.

Assim as coisas continuaram até que chegou o dia em que a dor ficou além de qualquer resistência e, finalmente, à noite, a carne abriu-se e um crescimento peculiar começou a fazer a sua aparição. O Cirurgião do Exército, a partir daquele momento, recusou-se a assumir o caso, pelo que o meu bom amigo, o coronel, decidiu que nada mais havia a fazer senão mandar-me remover imediatamente para o Hospital Militar mais próximo. Uma ambulância foi finalmente construída e um bando de nativos contratado para me transportar pelo país acidentado até à cidade mais próxima. Após uma dolorosa experiência, cheguei ao hospital.

“Os cirurgiões realizaram então consulta após consulta. Admitiram que nunca tinham visto nada assim antes, mas persistiram em chamar-lhe um tumor, pelo que, como um crescimento tumoral com um nome em latim, foi finalmente diagnosticado. Apesar de toda a sua perícia médica, a coisa crescia — eu nunca lhe chamara um tumor; para mim era uma coisa indefinida, horrível e inominável. Por altura em que os ossos da minha

perna partida estavam suficientemente consolidados para viajar, a coisa tinha crescido para fora do meu lado no comprimento de várias polegadas.

Para complicar as coisas, tinha crescido a partir do interior, por assim dizer, e tinha empurrado a carne para trás, como os lábios de uma ferida que ela separava e mantinha afastados. Pela sua posição entre as costelas e a pélvis, os médicos argumentavam que a sua proximidade com o coração e outros órgãos vitais colocava qualquer hipótese de operação fora de questão. Contudo, a esperança mantinha-se viva no meu coração e, ansiando pela perícia superior dos especialistas médicos em Londres, finalmente, com um suspiro de alívio, zarpei rumo a casa.

“Mas eu não tinha percebido a total extensão da calamidade que se abateria sobre mim. Tinha apenas pensado que era algum tipo de crescimento de uma espécie invulgar e sentia-me seguro, apesar da decisão dos cirurgiões do hospital, de que encontraria algum meio em Londres ou Paris de o mandar remover. Mas a dita da ignorância não durou muito.

“Uma noite, a meio do oceano, eu folheava alguns dos papéis do meu pai e, encontrando um velho diário seu, escrito durante o seu comando na fronteira afegã, levei-o para o convés e comecei a ler. Hora após hora passava enquanto eu lia atentamente os anseios, feitos e sonhos do homem que fora responsável pela minha existência. Estava quase escuro quando cheguei à passagem: ‘Oh, como eu gostaria de ter um filho — um filho que perpetuasse o meu nome.’

“Um pouco mais adiante li: ‘Casei-me mais com o intuito de ter um filho do que de ter uma esposa.’

“E assim fui lendo, até que cheguei à terrível noite do baile e à execução do iogue. ‘Finalmente’, pensei eu, ‘saberei o que causou à minha mãe o terrível susto que resultou no meu nascimento prematuro.’ E, inclinando-me sobre as folhas desbotadas diante de mim, cheguei a esta passagem:

““Oh, meu Deus! O que fiz eu? Quando os mosquetes ressoaram e o corpo do iogue se afundou no chão, saltou da relva, aos pés da minha esposa, uma medonha serpente preta que, erguendo-se com um silvo colérico, a atingiu no lado e, caindo de volta na relva, desapareceu. Instantaneamente pensei nas últimas palavras do velho iogue. E se elas já se tivessem tornado realidade, antes mesmo de o sopro de vida ter deixado

o seu corpo! Novamente pensei na criança — a criança que eu desejara, por quem rezara — a criança que vivia dentro dela. Oh, meu Deus! o que fiz eu! o que fiz eu! Se um crime foi cometido — se a natureza deve ser vingada, que a punição, rogo-Te, caia sobre mim e não sobre a criança que está inocente do pecado do pai.’

“Não pude ler mais. O diário escorregou-me das mãos e caiu aos meus pés, mas não me mexi. Os meus olhos, instintivamente, como na aflição, olharam para cima, para o céu — mas não havia Deus ali para mim. A noite caiu e as estrelas surgiram, mas nenhum Deus, nenhuma esperança para mim. As estrelas vagavam nos seus cursos determinados — não podiam mudar no seu caminho não escrito pelo céu — e, enquanto as observava no meu desespero, novamente as palavras do velho iogue passaram diante dos meus olhos: ‘Nenhum homem escapará ao seu destino — não morreu até um Deus para que as escrituras se cumprissem?’

“Quanto tempo ali fiquei sentado, não sei. A semente que tinha sido semeada teria de ser colhida. Não podia haver dúvidas agora quanto ao que era o meu destino, e a descoberta, por momento, deixou-me totalmente desumanizado. Uma dor aguda no meu lado chamou-me de volta a mim próprio. Aquela dor tinha um novo significado agora, o qual exigiria toda a minha fortaleza para enfrentar. Premi os dentes contra os meus lábios para conter o grito de agonia que subia da minha própria alma. E assim fiquei ali sentado, à espera e temendo, como quem temeria a aproximação furtiva de um inimigo invencível.

“Subitamente, todo o meu corpo ficou frio e rígido de terror. Houvera um leve movimento na coisa — um pequeno tremor — um estremecimento, mas de vida. O suor frio cobria a minha testa em grandes gotas. Podia sentir o meu coração parar de bater, o sangue gelou nas minhas veias e, quando premi as mãos contra o meu rosto, encolhi-me diante do seu toque gélido.

“Mas uma resolução formava-se na minha mente — um pensamento que, um momento antes, eu teria rejeitado com repugnância. Eu nunca tinha visto a coisa. Nunca tinha ousado olhar para ela. Agora, iria para a minha cabine e veria o meu inimigo, cara a cara. Alcancei as minhas muletas — suavemente, coxeou pelo convés fora. Era meia-noite. Nem um som para perturbar o silêncio do oceano, exceto o arquejar das máquinas à medida que abriam caminho através do abismo.

“A lâmpada ardia na minha cabine de passageiro — uma pequena lâmpada de óleo que dava uma luz amarela doentia. Tirei-a e, colocando-a onde pudesse ver bem, abri a camisa larga de seda que trazia vestida e, olhando para o espelho, um único olhar foi suficiente para me mostrar que os meus receios mais temidos se tinham realizado.

“Sim, tinha começado a ter vida, independente da minha vida. Oh Deus! como os meus sentidos ficaram tontos quando vi a forma que tomara, a cor que assumira. Saí cambaleando da minha cabine. Alcancei o convés, delirante de frenesi, doente de horror. Poder-se-á alguém espantar comigo, quando aqueles que tiveram algum pequeno desgosto puseram fim à sua miséria, por eu também, num momento daqueles, determinar pôr fim à minha amaldiçoada existência? Seria tão fácil, pensei eu — e considerado um ‘acidente, escusado será dizer’.

Estranho que, mesmo num momento como aquele, alguém considere a opinião do mundo. E, contudo, não pensei tanto em acabar com a minha própria vida. O meu único pensamento era matar aquela coisa, e olhava para o meu corpo mais como quem olharia para uma pedra — uma pedra para fazer peso e afogá-la, e prendê-la nas profundezas do oceano para todo o sempre.

“Poderia tão facilmente escorregar, sem ser notado, pelo lado do navio e ser engolido para sempre com o meu estigma secreto. Contudo, temia que as pessoas encontrassem o meu corpo e que olhos curiosos ficassem maravilhados e a especular quanto ao crescimento e causa da coisa, e temia também, aí, mais do que tudo, que, se desse um tiro em mim próprio ou me destruísse com veneno, ela pudesse ainda viver — e rastejar como um vampiro sobre o corpo morto que a gerara — mas que importa, que importa, eu estaria insensível.

“Alcancei a popa do barco. Tudo estava calmo. Inclinando-me, olhei para a água negra insondável, mas o rosto da Lucy ergueu-se de maneira reprovadora diante de mim e deteve-me — os seus olhos fitavam os meus — os seus braços seguravam-me — e, assustado com a minha intenção cobarde, agachei-me no convés sob a sombra de um barco salva-vidas e ali jazi até ao amanhecer.

“Como não tinha enviado qualquer palavra sobre a minha partida da Índia, quando cheguei a Inglaterra, em vez de ir diretamente para casa,

segui para Londres e consultei vários especialistas médicos antes de me aventurar a descer até Devon. Mas não havia esperança: cirurgião após cirurgião examinava e falhava em diagnosticar. Matar a coisa seria matar-me — deixá-la viver seria a mesma coisa no fim.

Escutavam a minha história, mas os sábios da ciência não teriam acreditado se não tivessem visto e examinado a coisa com os seus próprios olhos. Por que razão não se tinha manifestado até eu ser maior de idade, eles não conseguiam compreender, porque a maioria legal e a natural estão em desacordo. Concordaram por consenso mútuo, à falta de algo melhor, que tal era atribuível ao calor intenso da Índia. Mas a cadeia de coincidências tinha sido tão forte que eu sabia, instintivamente, que o Destino ordenara que eu fosse à Índia.

Os médicos pensavam que levaria algum tempo até que a coisa estivesse totalmente desenvolvida, e as suas presas poderiam então ser extraídas, e eu viveria — mas viveria com a coisa para sempre como companheira.

“Foi assim, com a esperança completamente morta, que regressei a casa. Determinei ver a Lucy para lhe dizer adeus para sempre. Renunciar à minha felicidade, depois ir-me embora para algum lugar calmo e lutar por obter a coragem de acabar com a minha vida, ou esperar até que ela terminasse por mim, mas nunca, nunca semear a semente maldita para que algum filho colhesse a infâmia da mesma. Corri o meu cérebro a pensar em que história plausível lhe poderia contar como desculpa para a deixar novamente.

Não ousava contar-lhe a verdade abominável — não conseguia induzir-me a fazê-lo. Não parecia conseguir inventar qualquer subterfúgio, por isso contava cada momento que me trazia mais perto dela; extremamente atormentado e incerto quanto ao caminho que deveria seguir. O comboio entrou na estação e, com o coração pesado, parti para a minha missão — uma vítima marcada por uma hereditariedade obdurada — um filho do cruel Destino.

“Era verão novamente. As sebes da pitoresca e velha estrada de Devonshire estavam cheias de flores e, antes de eu alcançar a casa paroquial, o perfume das rosas passou célere e saudou-me, carregado de velhas memórias. Era noitinha quando entrei no jardim — quase

crepúsculo. Não havia rosto algum a espreitar por entre as rosas agora, e pareciam tão descuidadas e abandonadas que o meu coração quase falhou, pois perguntei-me há quanto tempo as suas mãos tinham deixado de cuidar delas.

“O alpendre estava silencioso e deserto, a porta estava aberta e, como ninguém respondeu ao meu toque, entrei no átrio e fiquei por um momento irresoluto quanto ao que deveria fazer.

“A sala de estar estava vazia, assim como o escritório. Na secretária, sob um candeeiro de leitura antiquado, jaziam as notas do reitor para o sermão do domingo seguinte. Num recanto da secretária, onde os olhos do pai extremoso pudessem sempre vê-lo, estava um pequeno retrato da Lucy no próprio vestido com que a tinha visto naquela primeira manhã no jardim. Arrebatei-o e beijei-o, beijei-o até que as lágrimas choveram pelas minhas bochechas e mal conseguia ver a imagem. E, no entanto, em poucos momentos, teria de me separar dela para sempre — talvez quebrar-lhe o coração com o que tinha para lhe contar!

“Finalmente, ouvi vozes, vozes abafadas, submetidas, no andar de cima. Mal sei por que razão subi. Subi as escadas suavemente alcatifadas e fiquei por um momento no patamar, do lado de fora de um quartinho dentro do qual estava uma jarra cheia de rosas — as rosas que eu mais amava. Ouvi a voz do velho reitor em oração, palavras submetidas que mal conseguia apanhar e que eram, a espaços, quebradas por um soluço.

Podia, de vez em quando, ouvir uma palavra — sim, podia ouvir o meu nome mencionado. Entre soluços profundos e partidos, ouvi o velho pedir a Deus que me perdoasse pelo engano cruel que eu tinha praticado. Não pude ouvir mais. Suavemente, entrei. A Lucy apenas me viu. No segundo seguinte, ela estava estreitada nos meus braços e, numa voz estranhamente fraca, ouvi-a dizer: ‘Oh, eu sabia que vinhas. Eu não acreditei neles. Disseram-me que nunca mais regressarias — que me tinhas abandonado. Mas eu sabia que voltarias. Graças a Deus! graças a Deus!’

“Ela caiu para trás, exausta. O esforço da fala tinha sido demasiado. Um olhar nos seus olhos disse-me que eu tinha chegado demasiado tarde. Os braços longos e magros da morte tinham-na reclamado — ela era dele, não minha. Inclinando-me perto dela, sussurrei: ‘Minha amada, eu nunca te abandonei. O que te disseram era falso, absolutamente falso. Amo-te agora

como te amei sempre. Tu és minha apesar do Destino — apesar da morte, Lucy, minha até ao fim da vida, e do tempo, e da eternidade.’

“Um suspiro de infinito amor, de felicidade, e um murmurado ‘Graças a Deus’, e, à medida que as sombras da noite fechavam, o fim chegou. E foi bem assim.

“O velho reitor e eu ficámos sozinhos. Dele, em poucas palavras de coração partido, soube a causa da angústia da Lucy e tudo o que ela sofrera durante a minha ausência.

“A minha mãe decaída tinha ganho a sua confiança — o seu amor, inclusive, e, após ganhar ambos, impelida pelo seu orgulho, esmagara o coração da Lucy com as suas histórias sobre a minha infidelidade, que se deterioraram no coração dedicado da rapariga para, finalmente, a matar. Tal foi o fim.

“E, no entanto, a minha mãe tinha cometido este grande pecado, conforme ela própria contritamente me confessou naquela noite de luto, devido ao grande amor que me dedicava — devido ao seu maldito orgulho — o seu amor pela posição e pelo poder — devido ao seu amor ciumento e egoísta por mim! Enquanto ela se ajoelhava diante de mim implorando o meu perdão, mal sabia eu o que fazia ou o que dizia.

Apenas me lembro, na minha revolta frenética, de rasgar as minhas vestes e expor a criatura que se contorcia, agitada pela minha louca paixão; ela encolheu-se com medo e repugnância do filho do seu orgulho e, sem piedade, deixei-a ali caída, vítima da sua própria iniquidade, e saí para a noite sozinho.

“Oh Deus! como sofri pelos dias e meses que se seguiram. O frio do clima fazia com que a coisa me torturasse com agonia. Tentei morrer, sim, muitas vezes, mas não consegui — não ousei. O rosto da Lucy vinha sempre diante de mim, os seus lábios entre os meus e a morte que eu de bom grado beberia. Assim, tenho vivido, rezando pelo fim; finalmente, não tenho muito que esperar — está próximo. Os médicos em Londres disseram-me que supunham que, no devido curso do desenvolvimento, as presas ou glândulas de veneno da coisa cresceriam, e tudo o que se podia fazer era esperar até essa altura e mandá-las então extrair. No caso de isso ser feito, eu poderia viver, pensavam eles, até ao termo de uma masculinidade madura, da meia-idade. Mas tal não há de ser. Há poucos

dias, notei que as presas estavam quase prontas para fazer o seu trabalho — o frio deste lugar apressará as coisas, isso é tudo.

A semente que foi semeada está quase colhida. Não sou pior do que os outros, pois todos herdaram — alguns desejos malignos, algumas paixões, algumas doenças que são piores do que a morte. Uma coisa — tive a coragem moral de resistir a semear sementes arruinadas de hereditariedade. A minha força foi o amor pela Lucy.

“Vim para aqui para viver por entre estes túmulos para que pudesse encontrar a coragem de encarar a morte. Ganhei mais, pois aprendi uma filosofia com o meu sofrimento e com estes egípcios mortos que está além da morte, e conhece a redenção, e promete a reencarnação para a alma que foi purificada de tudo o que é carnal.

“Quanto ao meu conhecimento deste lugar, durante as minhas deambulações por entre estes túmulos, também eu descobri aqueles caracteres estranhos e, um dia, fui afortunado o suficiente para encontrar o segredo da entrada pela qual passámos.

“Guardei o conhecimento para mim, esperando que, quando a morte chegasse, me encontrasse neste lugar onde o meu corpo pudesse transformar-se em pó sem ser perturbado, sem olhos curiosos a questionar com a sua curiosidade impiedosa.

“*Enst iC Moryides d.* A minha vida em breve estará. Não me rebelo agora. Uma lei natural governa aquilo que parece, demasiadas vezes, mais antinatural. Se o mal é feito, deve ser expiado, que os imponderados do mundo se lembrem. Se pudéssemos saber, então poderíamos mudar, pois, assim como o presente é o efeito de uma causa anterior, também as nossas ações presentes são a causa de um efeito posterior.

Mas nós de bom grado torturamos e punimos aqueles que tentariam erguer o véu, esquecendo que, se nós, mortais, somos guiados ainda que timidamente, a mais pequena luz poderia avisar-nos antecipadamente de perigos dos quais não há fuga possível quando estamos uma vez sobrecarregados no meio deles.”

CAPÍTULO VII

O efeito desta terrível história, contada no ambiente macabro e na escuridão do túmulo, teve, como se poderia imaginar, a mais poderosa influência nas nossas mentes.

Enquanto ali jazíamos, parecia-nos ver aquela coisa medonha a crescer cada vez mais colérica a cada momento, até que finalmente enterraria as suas presas mortíferas no corpo sobre o qual tinha vivido. E, no entanto, por estranho que possa parecer, o conto que tínhamos escutado de dor e de sofrimento, e de rebelião, e de nobre resistência, teve o efeito de anular a nossa própria agonia de espírito e o nosso pavor por nós mesmos.

Uma terna simpatia apoderou-se de nós. É sempre assim na vida — há frequentemente uma antimorte para a morte real; a história da perda ou sofrimento de outrem tem, por vezes, o efeito de nos fazer esquecer o nosso. A influência de alguma alma forte que passa corajosamente pelo sofrimento pessoal sem queixume permite a outros, mais fracos tantas vezes, reunir a fortaleza para suportar provações ainda maiores.

Em silêncio ali jazíamos após ele ter terminado. Num momento assim, um aperto de mão expressa mais do que toda a linguagem dos lábios... Questiono-me se tanto o professor como eu próprio alguma vez tínhamos considerado este problema do Destino de uma forma tão categórica. Lamentável como é, a educação desta era prática em que vivemos não encoraja tal corrente de pensamento. Avançamos no que chamamos progresso, esclarecimento e elevação — por que razão, então, haveríamos de estar ocupados com o Destino?

As leis da hereditariedade são estudadas e praticadas na criação de gado — contudo, desprezadas e negligenciadas nas criaturas humanas. Escarnecemos delas e cantamos sobre as leis escrutáveis de Deus — repare, não porque sejamos uma raça religiosa, mas para que possamos esquivar-nos às nossas responsabilidades e ainda assim ser considerados respeitáveis. E assim vivemos — ou melhor, morremos — e é apenas na nossa morte que nos dignamos a saber; portanto, é apenas na nossa morte que estamos verdadeiramente vivos.

Contudo, jactamo-nos do nosso livre-arbítrio e, na nossa vergonhosa ignorância, reproduzimos a nossa espécie, nós que, no nosso pleno

conhecimento, através do instinto carnal, amaldiçoamos, e pior do que matamos, a nossa progenitora degenerada e aflita.

É verdade que um homem pode dizer que é livre para se voltar para a esquerda ou para a direita pela ação da sua vontade, mas, ao fazê-lo, não deve esquecer que a sua ação se deve ao esforço consciente, ao passo que o inconsciente está para sempre ao volante do Destino.

Pensamentos como estes desfilaram aos milhares pela minha mente, no terrível silêncio que se seguiu à história, enquanto nos preparávamos emudecidos para a nossa própria morte, da qual não parecia haver fuga possível.

Com o nosso último fósforo, acendemos uma pilha de tiras de linho embebidas em betume e unguentos de cheiro forte, que outrora tinham enfaixado a cabeça da múmia de um rei. À medida que a labareda saltava misteriosamente para cima, percebemos que, por alguma razão inexplicável, tínhamos mudado as nossas posições e estávamos de frente para a entrada do túmulo, e a olhar para o corpo profanado da sétima múmia, que tinha sido colocada como que para guardar toda a entrada e saída. Notámos casualmente que as ligaduras tinham sido inteiramente arrancadas da mão esquerda da múmia, enquanto esta jazia fora do sarcófago partido, quase a tocar o chão.

Foi uma ninharia que distraiu a nossa atenção por um momento e nada mais. A labareda em breve desapareceria. Voltámo-nos de forma ciumenta para ela, acreditando que era o último vislumbre de luz que alguma vez veríamos; e, assim, ali ficámos arrependidos a observá-la ficar cada vez mais pequena, até estar finalmente gasta, e não restar nada senão uma bola de brasas ardentes que brilhava no meio da escuridão universal. Afastámo-nos um pouco uns dos outros. Não houve adeus proferido. Um aperto de mão foi suficiente. O momento supremo estava sobre nós. Esperámos pela morte, cada homem por si.

É mais do que provável que o professor, seguindo intuitivamente a sua investigação até ao fim, se tivesse preparado para encontrar o seu destino com os olhos voltados para aquela sétima múmia, que ocupava uma posição tão de destaque, mas, quer tenha sido assim quer não, quando a luz se apagou, o velho homem subitamente sobressaltou-nos com uma exclamação de surpresa. Numa voz rouca, sussurrou:

— Vejam ali! Vejam ali!

Forçando os nossos olhos na direção aparente que a sua voz indicava, vislumbrámos um minúsculo ponto de luz fosforescente, mais ou menos do tamanho de uma unha do polegar. Antes que eu me pudesse mover, Chanley tinha-se, por um esforço sobre-humano, arrastado pelas pedras e agarrado o ponto. Numa voz a tremer de emoção, chamou por nós para atizar numa labareda as brasas do nosso fogo moribundo.

Os nossos fósforos tinham acabado todos — se aquela pequena faísca vermelha não pudesse ser induzida de volta à vida, seria impossível obter uma luz. Rompendo o pavio da lanterna e abanando, enquanto alimentava cuidadosamente os farrapos para as brasas, consegui pouco depois reavivar um pequeno brilho, depois uma chama bruxuleante e, com a ajuda adicional de algumas ligaduras arrancadas da múmia mais próxima, mais uma vez uma forte labareda disparou e iluminou o lugar.

Na mão de Chanley estava um grande anel, um aro de ouro coberto de inscrições que circundava uma curiosa pedra plana de uma cor esverdeada. As suas mãos tremiam com excitação nervosa enquanto tentava examinar e decifrar os hieróglifos. Na escuridão, a pedra era fosforescente, emitindo um brilho pálido e incerto. Colocada perto da luz, tornava-se quase negra e mostrava linhas brancas que formavam um desenho hierático de aspeto estranho na sua superfície.

Com voz nervosa, Chanley voltou-se e disse:

— Poderá restar uma oportunidade. As linhas neste extraordinário anel contêm um plano bem desenhado das passagens que irradiam de e para este túmulo secreto e, a partir dele, depreendo que poderá ainda haver uma via de fuga aberta. O que estou prestes a tentar é meramente uma ousadia. Este anel fala de entalhes cortados na parede do lado esquerdo do poço. Vou descer e tentar encontrar uma passagem que, de acordo com este anel, deverá conduzir deste túmulo para o mundo exterior. Adeus, camaradas, no caso de alguma fatalidade me reclamar.

Chanley encontrou os entalhes indicados sem grande dificuldade, mas foi com o coração pesado que o vimos desaparecer naquele buraco profundo que parecia não ter fundo. Como o professor tinha visitado o poço na Pirâmide de Quéops, e como este parecia exatamente semelhante, foi com pouca esperança que pudemos antecipar bons resultados.

O poço na Pirâmide de Quéops, o professor tinha-me dito frequentemente, não conduzia a lado nenhum e era simplesmente uma fonte de maravilha quanto à razão pela qual alguma vez teria sido construído. De acordo com o testemunho dos poucos que alguma vez tinham tentado descer, era de uma profundidade extraordinária, e o fundo estava coberto por uma espécie de lagarto não encontrada em mais lado nenhum.

Com o coração a alternar entre a esperança e o desespero, abanámos a labareda e tentámos mantê-la viva, pois a penumbra do lugar era agora mais terrível do que nunca. De vez em quando, rastejávamos de mãos e joelhos até à borda do poço para escutar, mas sempre para recuar desiludidos.

Minuto seguiu-se a minuto, e continuámos à espera.

Tínhamos alimentado a pequena fogueira de sinalização pela última vez, pois estávamos ambos fracos e não podíamos fazer mais. Quando, subitamente, um leve som como um arquejo rompeu nos nossos ouvidos e, antes que tivéssemos tempo de questionar se era um truque da nossa imaginação sobrecarregada ou a realidade, Chanley subiu a borda do poço e caiu exausto aos nossos pés. As suas vestes estavam rasgadas em farrapos e, enquanto ele sacudia a água do cabelo à luz trémula do fogo, notei o aspeto alquebrado do seu rosto e uma expressão nos seus olhos que apenas poderia ter um significado. O momento supremo estava sobre ele. A sua hora tinha chegado. Mal conseguia falar. Parecia que os músculos da sua garganta estavam a ficar paralisados e duros.

— Rápido, rápido! — disse ele. — Escutai! Há entalhes descendo pelo lado do poço — descendo, escalai até uma saliência de pedra que tem três passagens. Tomai a da esquerda. Rastejai de mãos e joelhos até alcançardes uma profunda caverna cheia de água. Não tenhais medo, mergulhai direto através — conduz ao Nilo — levar-vos-á para a segurança. Deixai-me — deixai-me aqui.

A sua cabeça caiu para trás — tentou sorrir, mas os seus lábios recusaram mover-se. O velho professor, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, tentou levantá-lo, dizendo ao fazê-lo:

— Tu deves vir, meu rapaz, tu deves vir connosco.

As suas mãos, entretanto, rasgavam freneticamente a sua camisa para a abrir. O Destino tinha, na verdade, sido cruel e inexorável até ao fim. A coisa jazia ali, imóvel — tinha feito o seu trabalho — as suas presas estavam enterradas na carne dele. Com um último esforço, ele ergueu-se e, tomando as nossas mãos, disse suavemente:

— Lembrai-vos — a semente que foi semeada está colhida — adeus!

SE NÓS APENAS SOUBÉSSEMOS

POR CHEIRO, O QUIROMANTE

Se nós apenas soubéssemos, se nós apenas soubéssemos
Apenas uma pequena parte das coisas que vemos,
Cá para mim o falso seria frequentemente mais verdadeiro
Do que aquilo que é a verdade ou o que parece ser:
Se nós apenas soubéssemos — se nós apenas soubéssemos!

Se nós apenas soubéssemos a dor que causamos
Pelo olhar de desdém ou pela palavra de vergonha,
Pela busca daqueles velhos, velhos defeitos
Que mal se podiam evitar na corrida para a fama;
Se nós apenas soubéssemos que os feitos que desprezamos
Poderiam algum dia caber-nos a nós próprios fazer,
Ou, se não a nós, aos nossos bebés por nascer:
Se nós apenas soubéssemos — se nós apenas soubéssemos!

Se nós apenas soubéssemos como o homem que rejeitamos
Tinha combatido a tentação, de dia e de noite;
Se nós apenas soubéssemos, voltar-nos-íamos assim
E afastá-lo-íamos como uma visão repugnante?
Ah de mim! em vez da marca do pecador,
De bom grado o ajudaríamos a fazer o que é certo;
Erguê-lo-íamos com cada mão honesta,
Se nós apenas soubéssemos — se nós apenas soubéssemos!

Se nós apenas soubéssemos como a mulher caiu,

Evitá-la-íamos como agora, sempre que nos cruzamos?
Deixá-la-íamos então naquele inferno amargo
De si mesma e do pecado e da rua sem lar?
Daríamos de ombros e abanaríamos a cabeça
Por confiar demasiado, ou por ser demasiado verdadeira,
Ou por pecar, talvez, como alguns fazem, pelo pão —
Se nós apenas soubéssemos — se nós apenas soubéssemos!

Se nós apenas soubéssemos, sobre aquela rapariga ontem à noite
Que esteve por um momento mesmo à nossa porta,
Antes de se afastar da luz alegre
E procurar o silêncio da margem imóvel da Morte,
Considerá-la-íamos louca, ou afastar-nos-íamos
De lábios semiesfomeados tão frios e azuis,
Se eles nos pudessem contar apenas por que razão ela morreu?
Se nós apenas soubéssemos — se nós apenas soubéssemos!

Se nós apenas soubéssemos que aqueles de quem agora sentimos falta
Teriam ficado tão pouco tempo neste vale de dor,
Quão mais doce teria sido cada beijo!
Mas nós não sabíamos — nós não sabíamos.
Os arrependimentos são inúteis, e as lágrimas apenas cegam,
E palavras vazias não podem nenhum passado desfazer;
Não vale a pena suspirar — eu teria sido mais amável
Se eu apenas soubesse — se eu apenas soubesse!

O SIGNIFICADO DO DIA DO TRABALHADOR

POR EUGENE V. DEBS

As legislaturas dos vários estados que compõem a União criaram um novo dia festivo conhecido como "Dia do Trabalhador"; e surge naturalmente a questão: Qual é o seu significado, ou terá ele algum sentido que exija séria consideração?

Os dias festivos são concebidos para comemorar algum acontecimento de grande importância nos assuntos nacionais ou religiosos; mas não estou disposto, ao escrever este artigo, a invadir o domínio da história antiga com o propósito de encontrar o porquê e a razão de ser de dias festivos pagãos ou cristãos, e confesso ter pouco interesse em dias reservados pela igreja

para a comemoração de superstições. Se um dia festivo não representa um acontecimento, dando testemunho irrefutável de que a humanidade atingiu um ponto avançado nos processos de evolução, onde se pode gabar de conceções mais elevadas da sua divindade e destino e a partir do qual novas partidas podem ser inauguradas para novas e mais nobres vitórias sobre superstições antiquadas ou heresias modernas, não consigo descobrir nele qualquer significado digno de comemoração.

Importo-me pouco, na verdade nada mesmo, com um aniversário natalício, quer seja o do Nazareno de humilde nascimento ou o de George Washington. Não representa nada, exceto o mero incidente do nascimento, de igual importância para todos os homens. Tudo depende dos atos quando a criança se torna homem.

São "as vidas dos grandes homens" que "nos lembram que podemos tornar as nossas vidas sublimes"; e todos os homens são grandes homens, por mais humilde que seja o seu nascimento ou circunscrita a sua esfera, cujos atos e palavras contribuem com algo para ajudar os seus semelhantes a quebrar as algemas da ignorância e de cada servidão viciosa, e a expandirem-se até à estatura completa de homens livres.

Não sou contra os dias festivos; na verdade, aumentaria o seu número nos Estados Unidos. Por mais que nós, como nação, nos gabemos vaidosamente das nossas escolas e faculdades, da nossa arte e da nossa literatura, das nossas igrejas e das nossas bibliotecas, a nossa civilização é sórdida a um ponto que desafia a riqueza da hipérbole para a caracterizar adequadamente. Independentemente de profissões em contrário, o deus do nosso culto é o "Poderoso Dólar" — um culto tão aviltante como a idolatria de fetiches dos Hotentotes — e é este amor ao dinheiro que é hoje a raiz dos nossos múltiplos pecados nacionais.

É este amor ao dinheiro pelo poder que o dinheiro confere que expressa mais plenamente uma característica nacional do que qualquer outra coisa que pudesse ser nomeada. É uma iniquidade reconhecida. Tornou-se uma desonra nacional e acredita-se amplamente que constitui um perigo nacional que ameaça a perpetuidade das nossas instituições livres.

É aqui que surge a questão: Estará dentro do reino do provável que as influências dos dias festivos possam ser moldadas de modo a que a consciência, em vez do dinheiro, possa fazer oscilar a mente americana?

Não permito que ninguém me supere na minha admiração por George Washington. Subcrevo inteiramente o sentimento do grande orador irlandês de que "Nenhum povo o pode reivindicar, nenhum país apropriar-se dele; a bênção da Providência para a raça humana, a sua fama é a eternidade e a sua residência a criação"; mas eu escolheria algum dia no seu ilustre registo como um "dia de aniversário de Washington", quando algum feito foi realizado pela liberdade, o qual, mais do que qualquer outro feito na sua radiante carreira, lhe confere a designação de "Pai da sua pátria".

Poderia ser considerado como evidência de uma disposição queixosa dizer que o dia natalício do Menino de Belém é de menor importância para o mundo do que muitos dos feitos que Ele realizou para abençoar a humanidade. O Natal é preeminentemente um dia festivo caseiro, um dia para cânticos, presentes e festividades, no qual as mulheres e as crianças têm um prazer infinito; fora de tais adornos, cairia em desuso; ao passo que, se pudesse ser designado um dia no qual Cristo alimentou os cinco mil homens, além de mulheres e crianças, vagabundos judeus sem teto e sem lar, este poderia tornar-se um dia festivo de valor incalculável nestes tempos em que os nossos fariseus e plutocratas modernos atam pesados fardos às costas dos pobres e "devoram as casas das viúvas" com evidente satisfação.

Ao investigar ao longo de tais linhas por incidentes na vida do Nazareno dignos de serem mantidos vivos na memória do homem até ao amanhecer do milénio, por que não, ao designar o vinte e cinco de dezembro como o Natal, tomar qualquer dia do ano como aquele em que Cristo chicoteou os cambistas para fora do templo? Ele disse que estes cambistas tinham feito do templo um "covil de ladrões".

Neste momento, nos Estados Unidos, a comemoração num "dia festivo cristão" do horror de Cristo para com os ladrões endinheirados poderia ser celebrada com imensa propriedade. Num tal aniversário, a "divindade" que molda os fins dos plutocratas poderia ser exposta ao desprezo do mundo, e seria uma nova partida nos exercícios dos dias festivos, não para denunciar o dinheiro em si, mas para dar vitalidade e domínio à verdade de que o dinheiro é agora usado por aqueles que o

comandam em somas fabulosas para subornar legisladores e juízes, para minar as nossas instituições livres e transformar a república num despotismo centralizado.

Manifestamente, o dia festivo americano que transcende em importância todos os outros aniversários é o Quatro de Julho. Ele representa "pensamentos que respiram", "palavras que queimam" e feitos de glória imperecível. Representa não apenas a liberdade, mas a igualdade dos homens. É o único dia em todas as eras que celebra a imortal declaração de que "todos os homens são criados iguais". Enumerou direitos inalienáveis, afastou reis, dinastias, tronos, cetros, títulos, o dogma do direito divino de governar e, agarrando o homem, fez dele um soberano, dotado de todos os seus poderes e prerrogativas. Mas quem não sabe que, nos Estados Unidos da América, este dia dos dias, este dia natalício e este "dia de Sábado" da liberdade e da independência, é transformado em ocasião para feitos vulgares e discursos demagógicos, concebidos por malabaristas políticos para cegar os olhos dos seus auditores, enquanto os velhos partidos trabalham em santa aliança para rebitar algemas nos seus incautos, fazendo até do Quatro de Julho — sagrado para as mais altas e santas aspirações da humanidade — um dia para aperfeiçoar esquemas contra o bem-estar da república.

Venho agora considerar o Dia do Trabalhador como um dia festivo, e pergunto com toda a seriedade: O que é que ele representa? Qual é a conquista do trabalho nos Estados Unidos da América a ser elogiada e mantida em eterna lembrança? Que direito retirado ao trabalho foi arrancado das garras daqueles que negavam o direito? Não o direito de se organizar, pois esse direito está incluído nos "direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à procura da felicidade".

É um direito de "nós, o povo". Nunca foi conferido por constituição ou estatuto. É um direito inerente, evidente por si mesmo, e qualquer violação do direito é despotismo, puro e simples. E aqui, pergunto novamente, que conquista, que vitória do trabalho sobre os seus inimigos é o Dia do Trabalhador concebido para celebrar?

À medida que analiso o caminho espinhoso ao longo do qual o trabalho caminhou, não me esqueço da redução das horas que constituem um dia de trabalho, uma conquista que lança brilho sobre o trabalho organizado, uma vitória de valor incalculável para todos os trabalhadores

americanos que deveria ser um tema inspirador para os oradores do Dia do Trabalhador. Estou totalmente convencido de que a ideia americana da greve poderia ser transformada num tema para a oratória do Dia do Trabalhador que cativaria aqueles que participam nos exercícios.

A greve significa resistência à opressão. Significa guerra por um princípio. Significa o lar, em contraposição a uma cabana, um protesto contra a subjugação e a escravidão; e quando os homens trabalhadores já não lutarem pelas suas lareiras e lares, pelas suas esposas e pelos seus filhos, então, no "caule espinhoso do tempo", a liberdade deixará de florescer, e os desígnios terríveis da plutocracia ter-se-ão realizado.

O significado supremo do Dia do Trabalhador, apreendo eu, encontra-se no facto de ele ser reservado como um dia para a discussão de questões vitais de interesse para todos os trabalhadores, envolvendo não apenas o trabalho, mas a legislação, a lei e a liberdade; que foi concebido e ainda se pretende que represente algo mais e superior ao relaxamento físico e mental, ao jogo e ao prazer; que é um dia reservado para o trabalho convocar os seus homens magistras e reunir as suas forças mentais para uma elevada deliberação sobre acontecimentos que, por todo o país, criam alarme nas suas fileiras. Ao ver o assunto a partir de tais pontos de observação, o Dia do Trabalhador expande-se num significado que bem pode desafiar os dons do génio para lhe conceder uma medida completa de justiça.

No Dia do Trabalhador, o trabalho não tem apenas o direito, mas está sob as obrigações mais vinculativas de enumerar os múltiplos males que o trabalho sofre e, em tons nada incertos, dar voz aos seus protestos. Se há incidentes nas lutas do trabalho em que aqueles que marcham sob as suas bandeiras realizaram atos de heroísmo no interesse dos seus infelizes companheiros de trabalho, glorificaria o dia enumerá-los; e se é verdade que estes homens, que puseram em perigo a sua liberdade numa causa que a melhor parte da humanidade aprova, e são por isso as vítimas de um infernalismo autocrático pior do que o russo, o Dia do Trabalhador, de todos os dias festivos que a lei e a liberdade alguma vez sancionaram, deveria ser o dia para os homens trabalhadores anunciarem ao mundo que, "Vivos ou mortos, afundem ou nadem", o trabalho está empenhado na tarefa, por mais hercúlea que seja, de encontrar um remédio para o ultraje.

Mas não se poderá argumentar que, afinal, o significado do Dia do Trabalhador se centra principalmente nas influências educativas que ele pode exercer sobre o grande corpo de homens trabalhadores do país?

Admitindo a estimativa mais generosa, o trabalho organizado não inclui mais de um décimo dos trabalhadores assalariados os Estados Unidos; os nove décimos não estão organizados. Esta vasta maioria deve ser trazida para o redil ou continuar a ser um elemento antagonista a resistir à marcha progressiva das forças emancipadoras do trabalho organizado.

Poderia ser difícil enumerar todas as razões invocadas pelos homens trabalhadores não organizados para se manterem afastados das várias organizações cujo grito de guerra é "Melhores condições"; mas pode afirmar-se, como proposição geral, que a hostilidade à organização é uma compreensão deficiente dos propósitos que o trabalho organizado tem em vista — a emancipação do trabalho de ambientes produtores de pobreza e a degradação que tais ambientes inevitavelmente impõem às suas vítimas.

Seja como for, a questão suprema é: O que pode ser feito pelo trabalho organizado para induzir a maioria não organizada a juntar-se às suas fileiras? Estou convencido de que o Dia do Trabalhador poderia ser transformado numa força potente para alcançar um fim tão desejável.

Para fazer isto, será necessário que o Dia do Trabalhador tenha por tema a "Fraternidade dos Homens Trabalhadores", dado que, por leis irrevogáveis, os destinos dos homens trabalhadores dependem da verdade de que uma ofensa a um não é apenas a preocupação de todos, mas uma ofensa a todos — que um mal feito ao trabalhador mais humilde, ao operário "comum", por uma lei irrevogável, é sentido em todo o domínio do trabalho.

Há numerosas razões apontadas pelos homens trabalhadores para se recusarem a tornar-se membros de organizações laborais, tal como há numerosas razões apontadas para recusar tornarem-se membros de clubes ou sociedades fraternais. Não vale a pena discutir tais objeções, dado que, por mais insensatas ou absurdas que possam ser consideradas, escolher em tais matérias é um direito inerente para cujo exercício nenhuma penalidade deveria ser imposta.

E acrescentaria indefinidamente significado e glória ao Dia do Trabalhador se ele fosse, como foi concebido para ser, um dia em que todas

as linhas que dividem o trabalho, reais ou ideais, fossem obscurecidas, e a lei suprema da fraternidade tivesse pleno domínio. Nesse caso, é certo que multidões de conversos seriam feitas para a organização, e que o exército do trabalho organizado ficaria, desse modo, melhor equipado para levar por diante a sua obra emancipadora.